



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

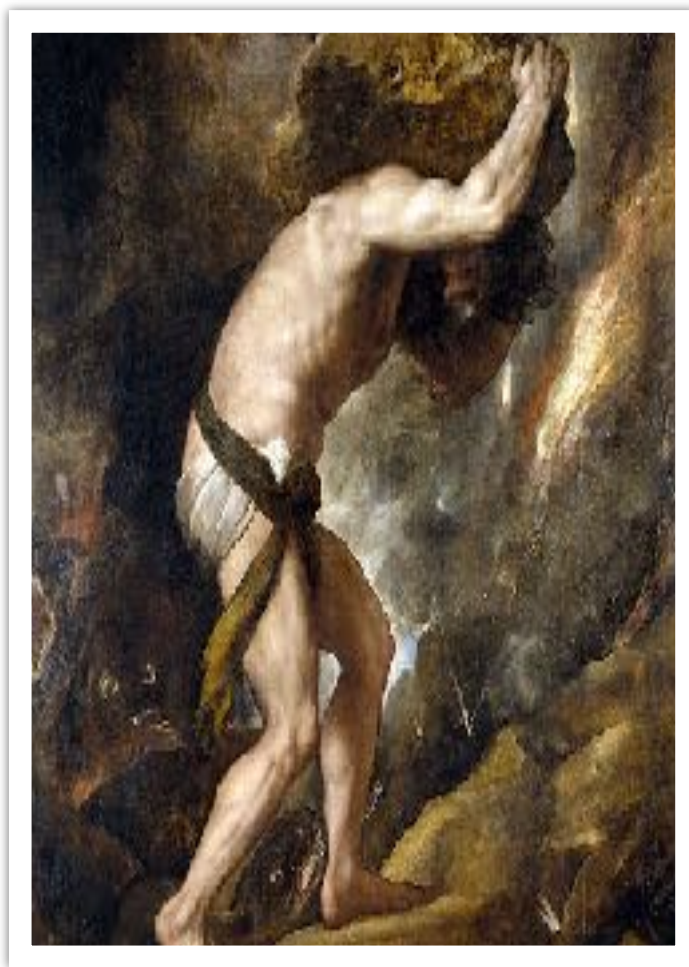
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

INSTITUTO DE PSIQUIATRIA - IPUB

**MEPPSO- MESTRADO PROFISSIONAL EM ATENÇÃO PSICOSSOCIAL**

**ENTRE O TRABALHO DE SÍSIFO E A LOUCURA HUMANA: ESTRATÉGIAS  
DESENVOLVIDAS POR PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL GRAVE  
PARA SUPORTAR SITUAÇÕES DE TRABALHO.**

WASHINGTON LUIZ BARBOSA DE BARROS



Rio de Janeiro/RJ

2019

WASHINGTON LUIZ BARBOSA DE BARROS

**ENTRE O TRABALHO DE SÍSIFO E A LOUCURA HUMANA: ESTRATÉGIAS  
DESENVOLVIDAS POR PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL GRAVE  
PARA SUPORTAR SITUAÇÕES DE TRABALHO.**

Dissertação apresentada ao Programa de  
Mestrado Profissional em Atenção Psicossocial –  
stricto sensu- para fins de obtenção do grau de Mes-  
tre no Instituto de Psiquiatria da Universidade Fede-  
ral- UFRJ- Rio de Janeiro turma 2017.1

Orientadora:

Profa. Dra. Maria Paula Cerqueira Gomes

(LABS - LETRAS-UFRJ)

Rio de Janeiro/RJ

2019

## CIP - Catalogação na Publicação

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de

B659e

Barros, Washington Luiz Barbosa de

ENTRE O TRABALHO DE SÍSIFO E A LOUCURA HUMANA:  
ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS POR PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL GRAVE  
PARA SUPORTAR SITUAÇÕES DE TRABALHO /  
Washington Luiz Barbosa de Barros. -- Rio de Janeiro, 2019.  
90 f.

Orientadora: Maria Paula Cerqueira Gomes.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
Instituto de Psiquiatria- Programa de Pós-Graduação em Psicologia,  
2019.

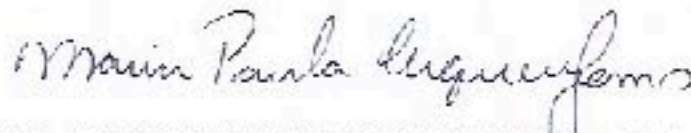
1. Atenção Psicossocial. 2. Trabalho e Saúde Mental.  
3. Inclusão pelo Trabalho. 4. Reinserção Social pelo Trabalho. I.  
Cerqueira Gomes, Maria Paula, orient. II. Título.

WASHINGTON LUIZ BARBOSA DE BARROS

**ENTRE O TRABALHO DE SÍSIFO E A LOUCURA HUMANA: ESTRATÉGIAS  
DESENVOLVIDAS POR PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL GRAVE PARA  
SUPPORTAR SITUAÇÕES DE TRABALHO.**

Disertação apresentada ao Programa de Mestrado  
Profissional em Atenção Psicossocial – stricto sensu –  
como requisito parcial para obtenção do título de  
Mestre em atenção psicossocial no Instituto de Psi-  
quiatria da Universidade Federal (IPUB) Rio de Ja-  
neiro turma 2017.1

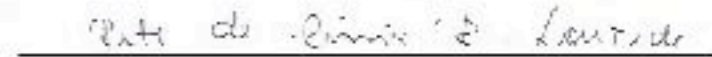
Aprovada em 03.05 / 2019



Prof. Dra. MARIA PAULA CERQUEIRA GOMES - (IPUB, Orientadora)



Prof. Dr. GIDEON BORGES DOS SANTOS (FIOCRUZ CBST)



Prof. Dra. RITA DE CÁSSIA RAMOS LOUZADA (IPUB)

## **AGRADECIMENTOS**

A Vida, expressão máxima para mim definida como “**NAM-MYOHO-RENGE-KYO**”.

Aos meus pai pela vida que trago; aos meus irmãos e irmã por tudo que vivemos juntos;

Ao meu esposo, amigo, companheiro com que escolhi compartilhar a Vida em sua amplitude;

Aos amigos(as), que sabem me perdoar pela ausência e compartilham comigo este sonho;

A minha caríssima orientadora, Paula Cerqueira, pela generosidade com que me recebeu no programa de mestrado e com quem aprendi que é preciso sempre fazer “furo no muro”;

A banca de avaliação: Professor Gideon Borges do Santos, Professora Rita de Cássia Ramos Louzada por terem aceitado estarem comigo nesta jornada e pelo modo respeitoso com que trataram minhas angustias;

Aos usuários e familiares do CAPS Torquato Neto, com quais obtive tantos aprendizados;

Ao meus companheiros do CAPS - Glorinha, Leiliane, Sandra, Izabel, Eni, Maria do Socorro, Janete Cohen, Douglas, em especial Patrícia Miranda que me desospitalizou e me confiou a tarefa do grupo de geração de rendas. Enfim todos que no percurso enriqueceram minha história;

Agradecimentos também a nova equipe que atuo, do CAPS II- Carlos Augusto da Silva 'Magal' aqui representados pela minha diretora Christiane Sampaio e minha Coordenadora Técnica, Carolina Aires, a gestão do PROJETO TEIAS /MANGUINHOS pela oportunidade de cursar o mestrado profissional numa época tão desafiante;

Agradeço, a todos que encontrei no percurso da Saúde Mental - aos colegas de mestrado muito obrigado pelas contribuições - aos profissionais do campo da saúde mental e atenção psicossocial que me ajudam a encarar o desafio de ser psicólogo neste continente.

Dedico este trabalho ao meu mestre, Dr. Daisaku Ikeda, que nesta existência em um único encontro, com um único olhar me mostrou o caminho da eterna coragem e da eterna esperança e de quem guardo as palavras:

#### A Estrada

Existe uma estrada  
Essa estrada,  
é a estrada que eu amo.  
Eu a escolhi.  
Quando trilho esta estrada,  
as esperanças brotam  
e, o sorriso  
se abre em meu rosto  
Dessa estrada nunca,

jamais fugirei!

(Daisaku Ikeda)

## LISTA DE ABREVIATURAS

- CAPS. - Centro de Atenção Psicossocial
- MNTSM - Movimento Nacional de Trabalhadores da Saúde Mental
- CID-10 - Classificação Internacional de Doenças
- CNES - Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde
- CNSM - Conferência Nacional de Saúde Mental
- DSM-IV - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
- ECRO - Esquema Conceitual Referencial Operativo
- IMNS - Instituto Municipal Nise da Silveira
- MLA - Movimento da Luta Antimanicomial
- MTSM - Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental
- NAPS - Núcleos de Atenção Psicossocial
- PGTR - Projeto de Geração de Trabalho e Rendas
- SENAES - Secretaria Nacional de Economia Solidária
- RAPS - Rede de Atenção Psicossocial

## RESUMO

Objetivou-se com este estudo identificar as estratégias desenvolvidas por pessoas em sofrimento mental grave para enfrentar as situações de trabalho, vivenciadas em um grupo operativo gerador de rendas de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) na cidade do Rio de Janeiro, no período de 2008 á 2016. A pesquisa é de abordagem qualitativa, descritiva e de base documental, adotou-se a metodologia de análise de conteúdo de categorias com aporte na psicodinâmica do trabalho. As estratégias desenvolvidas foram identificadas a partir da análise das verbalizações dos participantes conforme os registros dos documentos utilizados, no qual identificou-se sentimentos de valorização do trabalho, frustração e impotência, minimizados ou evitados a partir do uso do espaço público de trocas instituído pela técnica do grupo operativo desenvolvida por Pichon Reviér. Este espaço constituiu o momento em que o grupo organiza a divisão de tarefas, a cooperação, a confiança e regras comuns de convivência pelo trabalho. Representa o espaço da fala, da expressão coletiva do sofrimento e da busca de mecanismos de transformação das situações vigentes. A análise dos registros indicou o seguinte resultado: as pessoas em sofrimento mental grave, utilizam estratégias de mediação do tipo defensivas de racionalização, negação e cooperação entre pares, como medida de adequação para lidarem com as situações de trabalho.

**Palavras-chave:** Atenção Psicossocial - Trabalho e Saúde Mental - Inclusão pelo Trabalho - Reinserção Social pelo Trabalho.



## **ABSTRACT**

The objective of this study was to identify the strategies developed by people in severe mental suffering to face the work situations, experienced in a operative group generating income of a Psychosocial Care Center (CAPS) in the city of Rio de Janeiro, in the period of 2008 to 2016. The research is a qualitative, descriptive and documentary-based approach, adopting the methodology of content analysis of categories with a contribution in work psychodynamics. The strategies developed were identified based on the analysis of the participants' statements according to the records of the documents used, in which feelings of valorization of work, frustration and impotence were identified, minimized or avoided from the use of the public space of exchanges instituted by the technique of the operating group developed by Pichon Reviér. This space constitutes the moment in which the group organizes the division of tasks, the cooperation, the trust and common rules of coexistence by the work. It represents the space of speech, the collective expression of suffering and the search for mechanisms of transformation of the current situations. The analysis of the records indicated the following result: people with severe mental distress use defensive type mediation strategies such as rationalization, denial, and peer cooperation as a measure of adequacy to deal with work situations.

Keywords: Psychosocial Attention - Work and Mental Health - Inclusion through work - Social Reinsertion through Work.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	12
O Grupo Operativo de Pichon-Riviér	13
O Projeto de Geração Rendas do CAPS Torquato Neto	15
O Grupo Operativo do CAPS Torquato Neto	18
O Mestrado Profissional	21
<b>Capítulo 1</b>	
<b>ENTRE O “TRABALHO” DE SÍSIFO E A "LOUCURA" HUMANA</b>	25
1.1 O Sentido do Trabalho	26
1.2 Evolução Histórica da Loucura	28
1.3 A exclusão dos Loucos.	31
1.4 Encontro do Trabalho com a Loucura	32
1.5 O lugar do trabalho nos movimentos reformistas	34
<b>Capítulo 2</b>	
<b>ENTRE O “TRABALHO” DE SÍSIFO E A "LOUCURA" HUMANA : Estratégias Desenvolvidas por Pessoas em Sofrimento Mental Grave Mediante as Situações de Trabalho.</b>	41
.	
<b>Capítulo 3</b>	
<b>3 DA PSICOPATOLOGIA Á PSICODINÂMICA DO TRABALHO</b>	48
<b>3.1 CONCRETOS DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO</b>	49
3.2 Sobre o Sofrimento no Trabalho e as Estratégias de Defesa	52
3.3 Defesas Psíquicas.	54
<b>Capítulo 4</b>	
<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO E O USO DA PDT NESTE ESTUDO</b>	
.	58

4.1	Afinal de que sujeitos estou falando ?	59
4.2	As fontes de pesquisa	62
4.3	METODOLOGIA	63
4.4	Aspectos históricos do uso da análise de conteúdo	64
4.5	Conceitos e definições sobre análise de conteúdo	65

## **Capítulo 4**

<b>RESULTADOS</b>	68
-------------------	----

### 5.1 Considerações finais

INÍCIO, MEIO E FIM DA JORNADA	81
-------------------------------	----

## **BIBLIOGRAFIA**

	85
--	----

## **ANEXOS**

1	87
2	88
3	89
4	90

## **Introdução**

Os temas “trabalho” e “loucura” estão presentes no interesse coletivo e suscitaram diversos estudos ao longo dos anos. A sociedade instaurada pela Revolução Francesa, descreveu o louco como sujeito sem direito, insensato, irresponsável e incapaz de trabalhar ou de servir ao coletivo. Em decorrência desta concepção, o louco recebeu como prescrição de cuidado a exclusão social e foi enclausurado em tempo integral nos mais diversos hospitais psiquiátricos, ficando longe da família e do contexto social ao qual estava inserido.

Meu encontro com a loucura aconteceu em 1980, quando iniciei minhas atividades profissionais no campo da saúde mental, na extinta Campanha Nacional de Saúde Mental (CNSM) na Unidade de Emergências Psiquiátricas do Centro Psiquiátrico Pedro II (CPPII). Essas atividades concentravam-se na assistência direta às pessoas em sofrimento mental grave e aos seus familiares, onde permaneci por doze anos, no cuidado firmado pelo modelo hospitalocêntrico<sup>1</sup> vigente na época. Em seguida trabalhei, por seis anos, em uma das enfermarias do CCPPII acompanhando a rotina de internação e presenciando os efeitos da segregação na vida dos internos decorrentes dos períodos de longa duração das internações, que ocasionavam o esquecimento, inclusive por parte dos familiares, daquelas pessoas num mundo obscuro, isolados do convívio e de suas referências pessoais. No ano de 2002, aceitei o desafio de

---

<sup>1</sup> O termo refere-se ao modelo de cuidado em saúde centrado no hospital.

trabalhar em um dispositivo de cuidado de atenção diária - Hospital Dia Casa D'Engenho<sup>2</sup> . Logo em seguida veio a transição deste dispositivo para um serviço (CAPS)<sup>3</sup>.

Em 2006, fui designado como coordenador do Projeto de Geração de Trabalho e Rendas, no CAPS II - Torquato Neto,<sup>4</sup> iniciando junto com os usuários daquele serviço. Em 2008 foi instaurado um Grupo Operativo norteado pela teoria de Pichon Revière, como técnica condutora das atividades de geração de rendas desenvolvidas naquela unidade, onde estive na coordenação até o anos de 2018.

### **O Grupo Operativo de Pichon Rivier**

A experiência de produção dos salgados como produto gerador de rendas mostrou ter sido um fator de grande vitalidade ao PGR. Foi neste espaço que apresentei aos participantes a proposta de instituição de um grupo operativo, como técnica condutora das atividades a serem iniciadas, razão pela qual apresento aqui algumas considerações sobre o grupo operativo de Pichon-Reviér que viabilizaram minha prática cotidiana de trabalho, e não se configura como aporte teórico da pesquisa.

Historicamente, sabe-se que o vocábulo "gropo" ou "grupo" surgiu no século XVII, e referia-se ao ato de retratar, artisticamente, um conjunto de pessoas. Vários autores trabalharam com as perspectivas de grupo, no entanto, vou me deter à concepção de Pichon-Riviere, que define o grupo como um conjunto de pessoas, ligadas no tempo e espaço, articuladas por

---

<sup>2</sup> A CASA D'ENGENHO, surgiu em 1990, dentro do Centro Psiquiátrico Pedro II. Embora num ambiente intramuros, trazia uma proposta de atendimento diferenciado a indivíduos que estivessem vivenciando quadro psiquiátrico agudo grave, como primeiro surto, ou seja, que não tivessem passagem anterior pelos circuitos de internação manicomial. Funcionava como um Serviço de Atenção Diária (Hospital Dia). Para maior aprofundamento ver: **JORGE**, Marco Aurelio Soares - **Engenho Dentro de Casa: sobre a construção de um serviço de atenção diária em saúde mental**. - Dissertação de Mestrado – ENSP – 1997 - Rio de Janeiro.

A partir da reforma psiquiátrica como novo mandato direcionado ao Hospital-Dia Casa d'Engenho estava sua transformação para um Centro de Atenção Psicossocial, e a responsabilidade por assumir a atenção em Saúde Mental para os moradores do território. Para maior aprofundamento ver: **PATRICIA**, Silva Miranda - **O processo de trabalho em gestão no âmbito da micropolítica - Uma narrativa de trilhas e seus desafios em terrenos da saúde**- Dissertação de Mestrado Profissional -Instituto de Psiquiatria Rio de Janeiro, 2018.

<sup>3</sup> Os CAPS - Centro de Atenção Psicossocial - são dispositivos substitutos aos hospitais psiquiátricos, importantes na Reforma Psiquiátrica. Seu objetivo é promover o direito ao cuidado em uma atenção diária, evitando assim as internações em hospitais psiquiátricos, além de promover a (re) inserção social destas pessoas, de regular a porta de entrada da rede de saúde mental e de dar suporte a rede básica de saúde. Em 2002 existiam apenas 424 CAPSs. Atualmente a rede conta com 2.218 unidades em todo o país. Estima-se que cada CAPS atenda em média, cerca de 400 a 500 usuários por mês. ( Fonte: Ministério da Saúde – 2014).

<sup>4</sup> Remanescente do Hospital Dia Casa D'Engenho inaugurado em 12 de Junho de 2008, situado em sede pública na cidade do Rio de Janeiro – Neste ano de 2018 o CAPS II- Torquato Neto esta em processo de transformação para um CAPS III.

sua mútua representação interna, que se propõem explícita ou implicitamente a uma tarefa, interagindo para isto em uma rede de papéis sociais, com o estabelecimento de vínculos entre si. (AFONSO; VIEIRA-SILVA; ABADE, 2003).

A técnica do grupo operativo começou a ser sistematizada por Enrique Pichon Rivière, psicanalista suíço/argentino, (1907 á 1977), como consequência de uma greve de enfermeiras do hospital de *Las Mercedes*, em Buenos Aires. Esta greve impossibilitou de uma maneira geral o atendimento aos pacientes portadores de doenças mentais no que dizia respeito à medicação e aos cuidados. Diante da falta do pessoal de enfermagem, Rivière sugeriu aos pacientes "menos comprometidos", uma assistência para com os "mais comprometidos". A experiência trouxe conceitos e reflexões, a partir de uma visão dialética, que são permeados pela idéia de movimento e transformação contínua dos sujeitos, seus vínculos e seus papéis além de seus modos de operar na realidade. Segundo o autor, o grupo operativo pode ser construído por meio de um olhar comum.

O Esquema Conceitual Referencial Operativo (ECRO)<sup>5</sup> que se apresenta como um dos conceitos fundamentais de Rivière podendo existir o ECRO individual que são os valores individuais como: crenças, medos e fantasias e o ECRO grupal que é um esquema/condição comum para as pessoas que participam de um mesmo grupo.

O grupo operativo é um grupo centrado na tarefa, que pode ser: a cura, a aquisição de conhecimentos e tem como objetivo mobilizar um processo de mudança que vai acontecer de forma gradativa, no qual os seus integrantes vão assumindo determinados papéis<sup>6</sup> e posições frente a tarefa do grupo.

---

<sup>5</sup> **(ECRO) ESQUEMA CONCEITUAL REFERENCIAL OPERATIVO** - Refere-se ao conjunto de experiências, conhecimentos e afetos com que os indivíduos pensam e agem nos grupos, e se fazem compreender entre si. Contendo as seguintes unidades de operação: O Existente, a Interpretação e o Emergente do grupo. O EXISTENTE: é a situação do grupo, tanto o explícito quanto o implícito da situação grupal. A INTERPRETAÇÃO: é a compreensão do que existe e o esclarecimento das dificuldades. O EMERGENTE: é a resposta do grupo à interpretação. A desestruturação de uma situação prévia e a reestruturação de um novo ciclo.

<sup>6</sup> Pichón Rivière (1969) apresenta cinco papéis que constituem um grupo operativo: **1) O Líder da Mudança:** aquele que se encarrega de levar adiante as tarefas, arriscando se diante do novo; **2) Líder da Resistência:** puxa o grupo pra trás, freia avanços, sabota tarefas e remete o grupo sempre à sua etapa inicial; **3) Porta Voz:** é a chaminé por onde fluem as ansiedades e reivindicações do grupo; **4) Bode Expiatório:** é aquele que assume os aspectos negativos do grupo; todos os conteúdos latentes que provocam mal-estar, como: medo culpa e vergonha; **5) Os Silenciosos:** são aqueles que fazem com que o resto do grupo sintam se obrigado a falar, assumindo a dificuldade dos demais para estabelecer a comunicação.

A técnica do grupo operativo pressupõe a tarefa explícita, a tarefa implícita e o enquadre. A tarefa explícita é a aprendizagem, diagnóstico ou tratamento, a tarefa implícita é o modo como cada integrante vivencia o grupo e o enquadre são os elementos fixos como o tempo a duração, a frequência, a função do “compensor”<sup>7</sup> que se caracteriza pela provocação aos integrantes do grupo em busca de soluções das situações-problemas vivenciadas/relatadas por eles durante as reuniões de divisão das tarefas.

Para Pichon-Rivière o processo grupal se caracteriza por uma dialética na medida em que é permeado por contradições, sendo que sua tarefa principal é justamente analisar essas contradições, ele inclui seis vetores que são articulados entre si e que possibilitam verificar as mudanças do grupo que são: pertença, cooperação, comunicação, pertinência, aprendizagem e tele.

A pertença consiste na sensação de sentir-se integrante do grupo, sentir-se importante na realização da tarefa; a cooperação são as ações que um realiza pelo outro; a pertinência são os objetivos, a realização das ações; a comunicação diz respeito ao intercâmbio de informações entre os membros de um grupo; a aprendizagem é uma apreensão instrumental da realidade e por fim a tele, que diz respeito a empatia entre os participantes do grupo.

### **O Projeto de Geração Rendas do CAPS Torquato Neto**

O Projeto de Geração de Rendas (PGR) do CAPS Torquato Neto é remanescente de uma oficina<sup>8</sup> de bijuterias e costuras existentes no período do Hospital Dia Casa D’Engenho, a qual alguns usuários estava inseridos. A oficina era acompanhada por um técnico do Hospital Dia e dois estagiários de psicologia do programa de Estágio Integrado em Saúde Mental (EISM) da Prefeitura do Rio de Janeiro. Os participantes organizavam-se cotidianamente na organização do espaço, na produção e vendas das peças. Os impasses para a realização das tarefas, por vezes impactavam o grupo: a desistência de alguns participantes, a finalização do período de estágio, o baixo investimento da equipe atribuído ao número reduzido de técnicos

---

<sup>7</sup> Neologismo introduzido por Pichon-Rivière, que designa o coordenador como aquele que pensa junto com o grupo, ao mesmo tempo em que colige e integra os elementos do pensamento grupal.

<sup>8</sup> O termo “oficina” é empregado para designar atividades desenvolvidas em diversos espaços de cuidados em saúde mental. Neste sentido, as oficinas podem ser um meio para os usuários sentirem-se sujeitos de suas vidas. Promovem a re aquisição das competências para realização das atividades de vida diária e prática que são perdidas ao longo do processo de adoecimento mental, favorecendo a relação do usuário consigo e com os outros.

e o clima de transição de passagem do dispositivo Hospital Dia para um serviço CAPS, foram fundo de cena de um período que caracterizou a desvitalização do projeto.

Inicialmente procurei reintegrar o grupo que já estava disperso, realizando discussões sobre a proposta de atividades geradoras de rendas e seu direcionamento num dispositivo CAPS, quando compreendemos que o maior fator que proporcionava a desvitalização do grupo era o encalhe de produção, pois embora houvesse tentativas de dar visibilidade aos produtos como participação em feiras, exposições em congressos, os resultados quanto ao escoamento das mercadorias eram insatisfatórios. Apesar das dificuldades, os participantes desejavam a continuidade do projeto propondo um novo produto gerador de renda. Mas qual? No espaço de diálogo criado para pensar juntos as alternativas, surgiu a idéia de fazer salgados de forno para vender. Inspirados numa oficina de culinária<sup>9</sup>, que era oferecida no próprio Hospital Dia.

O diálogo contínuo fez surgir um direcionamento ampliado: os participantes que não se identificavam com o novo produto, propuseram a formação de um grupo de manutenção e pequenos reparos do espaço físico ocupado pelo Hospital Dia. Outros propuseram um serviço de jardinagem, horta e produção de adubo orgânico. Estes dois grupos não falavam em geração de rendas, mas sim na necessidade dos participantes de sentirem-se úteis, de terem uma ocupação. Os demais decidiram dar continuidade ao grupo de bijuteria e ao um grupo de fuxico, mantendo o caráter de geração de rendas. Assim o PGR caminhou nestes diferentes seguimentos.

O grupo de pequenos reparos sustentou-se por alguns meses. Dentre as tarefas realizadas destaca-se a reabertura de um dos cômodos, no andar superior da casa ocupada pelo Hospital Dia que vivia fechado devido à necessidade de conserto da janela e do ponto de luz, pois com estes fatores, o cômodo virara um depósito de coisas inúteis e ficara sem uso. Pela iniciativa deste grupo, foram realizados alguns consertos e esvaziamento do local que proporcionou a reintegração daquele cômodo ao restante da casa, que ampliou o número de salas para uso no cotidiano. Embora potente, o grupo não resistiu às pressões externas advindas das ponde-

---

<sup>9</sup> Oficina Culinária: procedimento oferecido no HD Casa de Engenho proposta pelos usuários em assembléia, onde originariamente aconteciam as sextas-feiras: pela manhã era preparado algum salgado de forno ou bolo previamente combinado com os participantes, e a tarde o que se produzia era degustado no momento “Happy Hour” ou em comemoração com os aniversariantes da semana.



rações disparadas a partir de alguns técnicos do corpo clínico, que justificavam as seguintes preocupações: a realização das tarefas exigia perícia e muita responsabilidade, e isso poderia trazer aos participantes determinadas situações de constrangimento, risco e frustrações. Ao mesmo tempo em que, para o corpo clínico, os participantes daquele grupo tornavam-se mais imperativos independentes, e tendiam a se comportar de modo diferenciado dos demais usuários do serviço.

Os funcionários do núcleo da administração sustentavam a justificativa de que tais atividades criavam um desconforto administrativo, uma vez que havia uma empresa terceirizada prestadora de serviços de manutenção a instituição. Assim, o grupo se desfez. Quanto ao grupo de jardinagem e horta, foi possível vivenciar com os participantes um curso de capacitação oferecido pelo projeto Hortas Cariocas<sup>10</sup>, com a intenção de desenvolver tais atividades no Hospital Dia. No entanto, após a capacitação, os participantes não sustentaram a continuidade da proposta. Já os seguimentos da bijuteria e dos salgados mantêm-se até hoje.

#### **A produção de salgados como geração de rendas.**

O ponto de venda, escolhido pelos participantes, localizava-se na área interna da entrada do Instituto Municipal Nise da Silveira (IMNS) para dar visibilidade aos produtos, incrementar as vendas e aproximar os participantes do PGR aos transeuntes daquele espaço: funcionários, clientela e familiares. Em março de 2008, deu-se início da mudança de espaço físico do então Hospital Dia para o território extramuros. Neste contexto, fomos convidados a ocupar um espaço na Cantina *Qui Deliche*, convite que veio responder às preocupações dos participantes a respeito da continuidade do PGR, devido a mudança do CAPS para outro bairro, pois a distância física dificultava a confecção e a chegada dos salgados ao ponto de vendas onde já havia então uma clientela conquistada.

Neste mesmo período o IMNS teve a iniciativa de ocupar uma área construída onde funcionava o Centro de Triagem e Regionalização do Instituto Municipal Nise da Silveira (CTRIMNS) que estava desativado com a finalização do processo de regionalização da clientela do antigo CPPII. Esta construção fica a frente do complexo, e pode ser remodelada para

---

<sup>10</sup> Projeto da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, presente em 30 comunidades e na Rede Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro. Baseado em comunidades e escolas, o Hortas gera empregos diretos entre os moradores ligados as escolas, que em sistema de parceria, cuidam da plantação.

receber uma iniciativa de geração de trabalho rendas com ênfase na gastronomia e lazer, uma vez que o território em torno do instituto oferece pouquíssimas alternativas nestas áreas. Assim surgiu o “Qui Deliche”, sob a gerência de Ana Cecília Salis conforme explica Patrícia Schimid – Diretora Assistencial do IMNS - na placa de fundação:

“Uma singela homenagem a Kelly que chegou ao IMNS aos seis anos de idade”. Após a morte de sua genitora passou a morar em uma enfermaria. Da enfermaria para uma das casas do projeto Moradia Assistida. Ela sorri por onde vai. E nesse caminhar nos conta histórias e por vezes nos oferece massagens. Ao fazer tais massagens, Kelly pede que falemos: 'Qui Deliche!' (assim mesmo) [...]"

### **O Grupo Operativo do CAPS Torquato Neto - base contratual**

O espaço da cantina possibilitou uma nova configuração ao PGR, além da mudança do status de uma barraca de vendas para uma cantina. Os participantes perceberam a oportunidade de continuar com os salgados de forno e ampliar as vendas, investindo em diversos produtos como: doces, refrigerantes, água mineral, cafezinho e refeições caseira. A variedade dos produtos para a venda trouxe também a construção de novas relações interativas e ampliação de ocupação do território pelo fator da contratualidade.

Foi criada, então, uma escala de presença na cantina, dividida em dois turnos, manhã e tarde, dividida entre os dez integrantes do grupo. Ao final do dia, durante a avaliação e registro do que foi realizado, definia-se a divisão das tarefas para o próximo dia, onde eram discutidas questões como: “Quanto iremos investir do que foi arrecadado? – Quem irá fazer as compras para o dia seguinte? – Quem irá ajudar na confecção dos salgados? – Quem se responsabilizará pela arrumação da cantina?”.

A princípio, as discussões durante a divisão de tarefas produziam tensões que resultavam numa atmosfera carregada, exigindo muitas vezes a intervenção do “compensador”. Contudo, a matriz grupal começava a surgir durante o primeiro ano de trabalho, alimentadas pelas reações advindas dos participantes, mediante os acontecimentos do cotidiano. Uma situação de impasse em que se pode perceber o surgimento da matriz grupal, foi o desaparecimento do dinheiro arrecadado. Nesta ocasião o responsável pelo ato se apresentou ao coordenador, reportando o feito. O fato foi apresentado pelo próprio autor, apoiado pelo coordenador, aos

demais integrantes do projeto, o que possibilitou ao grupo a produção de solução mediante a implicação na situação para a solução do problema.

A contenção do impasse resultou em um acordo grupal que implicou na devolução do dinheiro desaparecido, a ser pago pelo autor, em prestações consecutivas no ato da divisão de rendas. Ao mesmo tempo produziu a demanda da guarda do dinheiro em local seguro, o que foi solucionado com a abertura de uma conta bancária em nome de dois participantes eleitos pelo grupo, onde os depósitos e retiradas são administrados de forma transparente e acompanhadas por todos os integrantes do grupo.

A alternativa foi estabelecer regras que pudessem orientar as práticas do grupo operativo de geração de renda, constituindo o Esquema Conceitual Referencial Operativo (ECRO), grupal.

- 1) Constitui-se como um grupo aberto, podendo absorver até 10 participantes, tendo um caráter de Grupo Operativo, centrado na tarefa que tem por finalidade “aprender a pensar” em termos de resolução das dificuldades criadas e manifestadas nas práticas cotidianas. Baseado nos princípios de Enrique Pichon-Revière, reconhecendo como esquema referencial comum, a condição única dos participantes de serem sujeitos em sofrimento mental em acompanhamento regular no CAPS Torquato Neto, que entendem o trabalho como ferramenta importante no seu próprio processo de reabilitação.<sup>11</sup>
- 2) Embora seja um PGR, o objetivo maior não é arrecadação e divisão de rendas, mas permitir aos participantes desenvolver contratualidade através de atividades laborativas, aprofundando os laços sociais e integralizando-se aos diversos contextos do cotidiano.
- 3) A divisão de rendas se fará de modo igualitário, no período de 30/30 dias, sendo uma cota de 10% do valor líquido arrecadado, destinado para composição de um fundo de reserva, que será utilizado de acordo com a necessidade do PGR e seus integrantes, a partir da decisão do grupo.

---

<sup>11</sup> Posteriormente com o desenvolvimento do trabalho, o grupo continuou em caráter aberto, mantendo o ECRO, porem ampliando aceitação de participantes em atendimento regular de outras unidades de tratamento sob a forma de cuidados compartilhados.

- 4) Foi admitido um livro de registro de frequência de cada participante. Em relação à ausência nas atividades, ficou estabelecido pelo grupo que será computada e descontada a ausência. Estes valores serão revertidos ao Fundo Reserva. Lembrando que este fundo é um bem do PGR e a saída do participante não implica em recebimento de cota.
- 5) Quando tratar-se de ausências nas atividades, por consequência de crise no quadro clínico-psiquiátrico, fica estabelecido que o participante receba sua renda do período referente a primeira semana, e a partir de então volta a computar a ausência seguindo-se o procedimento do item 4.
- 6) O grupo se compromete com o acolhimento a crise, que na maioria das vezes não é impedimento para frequência ao trabalho, e sempre se discute a adequação do participante no cotidiano, nas reuniões semanais e nas reuniões diárias, para planejamento do dia posterior.
- 7) Todos participam das reuniões de planejamento e execução das tarefas, havendo circulação de papéis de modo que todos possam exercer qualquer tarefa que seja necessária ao cumprimento da proposta.

Aos poucos, os integrantes do grupo foram descobrindo formas de abastecer e administrar a cantina, interagindo com os fornecedores, buscando melhores lugares de compra dos produtos como: refrigerantes, e derivados, biscoitos, doces e descartáveis. Outros exemplos, são as ações para administração do espaço, passando pela aquisição de bens como: uma vitrine de exposição das mercadorias, uma máquina de bater massa dos salgados, um forno elétrico. E a criação de uma rotina de cuidado e conservação do espaço, além da organização de horários, e resoluções de situações cotidianas que envolvem a lida do dia a dia. Tais ações eram vistas pelos integrantes do grupo como um ensaio que lhes abriram novas fronteiras, ao mesmo tempo em que alimentaram expectativas futuras do grupo em relação ao PGR como, por exemplo: constituírem uma empresa social que lhes permitisse uma linha de financiamento para se estabelecerem além do Qui Deliche. Eles almejavam também na possibilidade de aquisição de uma loja para instalação de uma cantina, na qual passariam a dar continuidade ao trabalho e ampliariam a conquista de território, inclusive, absorver novos participantes e repassar o aprendizado.

A experiência do grupo operativo foi o norteador das atividades de geração de rendas do CAPS Torquato Neto visando a reabilitação psicossocial pelo trabalho, e abriu frestas para que eu percebesse estas atividades como uma potente ferramenta de (re) integração para os integrantes do grupo, tendo em vista que elas medeiam com a concepção social que supõe a incapacidade destas pessoas para desenvolverem recursos pessoais ao lidar com as situações de trabalho.

Esta vivencia, trouxe-me a reflexão sobre a inclusão social," particularmente por meio do trabalho, questão ainda incipiente no campo da saúde mental, embora com algumas experiências exitosas" (NICÁCIO et al., 2005 )

Em meio às muitas atribuições, percebi que havia chegada a hora de me aposentar, fechar um ciclo, mas algo ainda me prendia, quando comecei a perceber que entre muitos sentimentos, a gratidão por aquelas pessoas que dividiram comigo suas biografias, colocaram-me em dívida com elas, eu precisava contar suas histórias, falar de seus potenciais e suas vontades de serem (re) integrados) ao convívio pleno da sociedade.

Segundo Amarantes (2007, p. 58), "Franco Baságlia em um dos seus últimos escritos, confessou que se um dia a historia da experiência sobre a Reforma Psiquiátrica fosse relatada, ele preferiria que não fosse por meio de datas, números de atos legislativos ou portarias de serviços, mas pela historia das vidas que foram reinventadas, reconstruídas, redescobertas a partir deste processo de transformação". Ao compartilhar desse sentimento resolvi escrever em conjunto com os participantes PGR um relato de experiência intitulado: A metamorfose de práticas cidadinas no campo da saúde mental - vivencias de um grupo operativo gerador de rendas.

A princípio, era apenas um registro de memórias, no entanto resolvi submeter o texto a um congresso internacional em 2015 na cidade de Lille - França - e para minha surpresa, o texto foi aprovado. Embarquei para França com a expectativa de que encerraria meu ciclo, com a "dívida paga" e a missão cumprida. No entanto, retornei do congresso com as recomendações que ainda havia muito a ser feito. Ao dividir com o grupo a experiência em Lille, provoquei em mim mesmo um novo desafio, reorganizei meus planos para além da aposentadoria e ingressei no Mestrado Profissional em Atenção Psicossocial. Além disso, prestei seleção pública para outro CAPS - onde atuo ha três anos e decidi realizar o que resultou como meu compromisso, uma devolutiva, traduzida na implementação de um projeto

de encaminhamento e acompanhamento das pessoas em sofrimento mental grave ao mercado formal do trabalho, fazendo a mediação com as empresas que adotam a política de inclusão destas pessoas no mundo do trabalho.

### **O Mestrado Profissional**

Meu percurso no campo da saúde mental, levou-me ao Mestrado Profissional em Atenção Psicossocial do IPUB em 2017, com o objetivo de pensar a re (inserção) das pessoas em sofrimento mental grave pelo viés do trabalho, tendo em vista que, historicamente a “loucura” traz como "prescrição", o afastamento das pessoas em sofrimento mental grave do mundo do trabalho.

De todos os modos de exclusão, o trabalho, ao menos na sua forma mais reconhecida contemporaneamente que é emprego, talvez seja aquela que maior impactou a vida do louco. Essa lesão profunda não decorre, ao meu ver, pelo fato de ele ser o meio mais comum de sobrevivência, desde a modernidade, mas pela importância na construção da identidade social dos indivíduos. Viver em isolamento traz angústias, sobretudo para pessoas em sofrimento mental grave, que tentam obter oportunidades de mediação com os outros pelo trabalho em uma sociedade fechada aos desiguais. Suponho que quando uma dessas pessoas consegue uma oportunidade no mundo do trabalho surge as condições para perceber as situações de interação grupal frente às variabilidades que elas trazem como meios para negociarem e atingirem objetivos fixados então pergunto:

**Quais as estratégias que as pessoas em sofrimento mental grave, desenvolvem para suportar e manter-se nas situações de trabalho, mediante a concepção social que supõe sua incapacidade em desenvolver recursos pessoais de realizar tais atividades ?.**

Admito que as pessoas apresentam sofrimento psíquico em diferentes graus e em situações diversas durante suas vidas, algumas são freqüentemente enquadradas em categorias diagnósticas e recebem tratamentos e ao defrontarem-se com algumas dessas condutas, elas geralmente afastam-se ou são afastadas do trabalho. Aquelas que tinham emprego freqüentemente o perdem, as que tinham trabalho informal deixam de tê-lo, por vezes, perdem o direito de realizar até mesmo atividades domésticas em suas próprias casas.

O sofrimento psíquico tem sido compreendido pela sociedade como objeto de intervenção da ciência médica. Nesse sentido, as pessoas com tais sofrimentos tem recebido o rótulo de “doente mental”, submetidos a diferentes nomenclaturas: loucos, alienados, portadores de transtornos mentais, pessoas em sofrimento psíquico, que têm sido utilizados em diferentes momentos da história.

Utilizo neste estudo a expressão “pessoas em sofrimento mental grave” em detrimento destas nomenclaturas na medida em que lancei mão de conhecimentos produzidos no campo da psiquiatria, cuidando para que eles não correspondam “ a uma etiquetagem e a uma estigmatização do doente ” (BASÁGLIA, 1977, p. 13). Mantive o termo “grave” por entender que as pessoas tomadas como foco de reflexão neste estudo vivenciam situações em que os transtornos mentais podem trazer grande sofrimento. Não pretendo, no entanto, estabelecer critérios de gravidade como a CID-10 ou o DSM-IV fazem. Por outro lado, entendo que nesses mesmos fenômenos, as peculiaridades vividas em uma situação de trabalho e a própria vida não se limitam ao que a psiquiatria ou qualquer outro saber pode produzir.

Esta pesquisa, portanto, resulta de experiências decorrentes da minha atuação profissional no campo da saúde mental, como coordenador do Projeto de Geração de Trabalho e Rendidas, (PGTR) no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Torquato Neto, entre os anos de 2008 a 2016, realizado junto com os usuários daquele serviço.

O objetivo é identificar estratégias que as pessoas em sofrimento mental grave desenvolvem para figurar no mundo do trabalho, posto que, no percurso do “trabalho” essas pessoas foram privadas de caminhar. Minha expectativa é que a identificação das estratégias que as pessoas em sofrimento mental grave desenvolvem para suportar as exigências das situações cotidianas de trabalho permita-me identificar uma nova relação entre o contexto social e a concepção da loucura que a reforma psiquiátrica preconiza.

A relevância, além de ser justificada pela compreensão de que nas atividades propostas no campo da (re) inserção social pelo trabalho se fazem necessário repensar continuamente as estratégias usadas no cotidiano dos CAPS e sua constante (re) construção direcionada ao cuidado das pessoas em sofrimento mental grave, vem trazer a tona meu comprometimento como trabalhador do campo da saúde mental que rompeu os desafios para se manter na prática de uma política de saúde mental inclusiva.

Presumo que este estudo, longe de esgotar o assunto, contribuirá para a (re) invenção do cotidiano daqueles que em sofrimento mental grave, se dispõem a (re) tomarem suas vidas a partir de projetos de (re) inserção social pelo viés do trabalho, além de fomentar novas tecnologias no campo da saúde mental direcionadas a (re) adaptação destes sujeitos na sociedade e apropriar as equipes de saúde mental no manejo deste cuidado.

Trata-se de uma pesquisa descritiva e de base documental, participativa de abordagem qualitativa, na medida em que permite ao pesquisador entrar em contato com a história, as relações, percepções e opiniões dos sujeitos de pesquisa.

O campo da pesquisa é a Cantina Que Deliche, fundo de cena no qual desenvolvi o projeto de geração de rendas do CAPS Torquato Neto, onde foram coletados os dados pertinentes aos interesses deste estudo. O resultado encontrado é particular ao grupo observado, sendo necessário estudos mais acurados, com esta categoria em outras realidades organizacionais.

A dissertação será apresentada em forma de relato de experiência, configurado pela análise de conteúdo, tarefa auxiliada pelas reflexões de Albert Camus em relação a fratura entre o homem e o mundo, ao que o autor denomina absurdo, além das contribuições de Hannah Arendt sobre o mundo do trabalho e a condição humana e de alguns conceitos da psicodinâmica do trabalho de Christophe Dejour.

A organização deste texto, redigido de forma linear e atemporal, é uma tentativa de facilitar ao leitor a compreensão do conteúdo, que toma de forma circunstancial diversos sentidos do meu caminho enquanto trabalhador no campo da saúde mental, percurso esse, não retilíneo mas espiral contemplado com muitos ciclos de um projeto maior que eu, pois em busca de sentido para o meu trabalho, tal qual a Sísifo, pude encontrar sentido de viver além do absurdo que Albert Camus nos apresenta.

Assim posto, o apresento da seguinte forma: Na Introdução apresentei meu percurso de trabalho no Campo da Saúde Mental, e a minha chegada ao Mestrado Profissional em Atenção Psicossocial do IPUB -UFRJ. No capítulo 1 apresentarei algumas considerações sobre o trabalho e a loucura. No Capítulo 2 identificarei os aportes teóricos e suas relações com o estudo, em continuidade no capítulo 3, apresentarei o material empírico e a identificação das estratégias desenvolvidas apuradas neste estudo, por fim no capítulo 4 apresentarei as conclusões deste trabalho.



## 1 ENTRE O “TRABALHO” DE SÍSIFO E A “LOUCURA” HUMANA<sup>12</sup>: considerações sobre o trabalho e a loucura

A concepção de trabalho, esteve predominantemente ligada a uma visão punitiva. A Bíblia, narra a expulsão de Adão e Eva do paraíso, á quem Deus declarou como castigo mediante o pecado da desobediência, trabalhar a terra para obter o pão:

"Visto que você (Adão) deu ouvidos à sua mulher (Eva) e comeu do fruto da árvore da qual ordenei a você que não comesse, maldita é a terra por sua causa; com sofrimento você se alimentará dela todos os dias da sua vida. Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão." (Gênesis:3:19)

Na mitologia grega encontramos um homem chamado Sísifo que sonhava com a imortalidade e ao enganar o deus da morte, foi condenado por Zeus a carregar diariamente uma pedra montanha acima e ao chegar no topo ver a pedra rolar montanha abaixo, e ter que retornar para fazer tudo outra vez para todo o sempre. Essa punição foi um modo de reprimir Sísifo por sua “loucura” em tramar contra os deuses. O Trabalho de Sísifo deu origem a expressão popular que remete a todo tipo de trabalho descrito como difícil, interminável e inútil.

A concepção do trabalho como punição persiste até os dias atuais como podemos perceber no relato de um documentário intitulado "Sobrevivi ao Holocausto" no qual Júlio Gartner, um judeu e sobrevivente do holocausto, relata a sua experiência no campo de concentração de Mauthausen com as seguintes palavras:

"...nos dias que ficamos lá tivemos de fazer um trabalho pesado, carregar grandes pedras por uma escada de 102 degraus, descarregá-las e depois pegar outra pedra e descer novamente para recomeçar, durante doze ou quatorze horas por dia, a pessoa ficava maluca. Essa era uma tortura que eles aplicavam, o trabalho de Sísifo."

A origem da palavra trabalho vem do latim *tripalium* (ou *trepalium*) que é uma espécie de tripé formado por três estacas pontiagudas cravadas no chão, que era a princípio um instrumento utilizado na lavoura. No entanto, no fins do século VI, este passou a ser também o nome de um instrumento romano de tortura, onde eram supliciados os escravos. Surgiu depois de 570 d.C, em substituição ao suplício pela cruz. Desse modo, originalmente, “trabalhar” significa ser torturado no tripallium.

---

<sup>12</sup>Os termos “trabalho” e “loucura” foram colocados entre parêntesis para destacar uma categoria de significação e nomeação em mudança, pois o mundo tem vivido um momento de transição, no qual modelos consolidados seguem atuando, mas não de forma hegemônica, pois novos modelos surgem para conviver com os modelos tradicionalmente estabelecidos.

Da raiz itálica saiu os termos das línguas latinas de hoje em dia geradas do encontro entre os dialetos bárbaros e os resquícios romanos, expressões como *trabalho* (em português), *travail* (francês), *trebajo* (catalão), *trabajo* (espanhol), e *travaglio* (em italiano, sendo associado ao trabalho de parto). No alemão, a palavra Arbeit, vem diretamente das palavras servidão ou escravidão. Por outro lado do inglês se tem três palavras para definir a mesma coisa, *Work*, *Job* e *Labor*, sendo que há inclusive para a palavra Work diferentes origens e diferentes significados, desde fazer algo, ou ação do inglês arcaico, ou simplesmente fazer algo do alemão arcaico. A palavra Job, bem mais recente, seria uma parte de um trabalho, algo como um serviço temporário, a terceira palavra, Labor, tem origem no latim, laborem que carrega um sentido mais pesado de esforço, dor e fadiga.

A palavra *labor* (inglês) e *lavoro* (em italiano) são também um resquício da antiguidade, onde se diferenciava o trabalho do labor. (o *labor* estaria mais associado aos processos biológicos do corpo humano, enquanto o *trabalho* às criações da natureza humana, a sua artificialidade), hoje são considerados sinônimos. No Japão o ideograma 仕事 (Shigoto) representa o termo “trabalho” e significa levar conforto para as pessoas que estão ao redor e não tem conotação de torturas ou castigos.

## 1.1 O SENTIDO DO TRABALHO

O sentido do Trabalho passou por diversas concepções. Na antiguidade, os egípcios, gregos e romanos utilizaram do trabalho escravo para as mais diversas funções, representava punição, submissão, em que os trabalhadores eram os povos vencidos nas guerras, os quais eram escravizados. Na cultura grega, cabiam aos cidadãos a organização e o comando da polis. As funções dos escravos eram direcionadas tanto às atividades inferiores de transformação da natureza em um bem determinado pelas camadas privilegiadas, como às atividades consideradas superiores como a escrita e a guarda de riquezas. Em Roma, permaneceu a divisão entre a arte de governar e o trabalho braçal. Sendo o império fundado na escravidão o trabalho não tinha o significado de realização pessoal, era visto como degradante e destinado aos povos dominados, que eram usados para fabricar utensílios, em trabalhos domésticos, seja na condição de gladiadores, músicos, filósofos e até poetas. "A escravidão era tida como coisa justa e necessária. Para ser culto, era necessário ser rico e ocioso" (JORGE NETO e CAVALCANTE, 2005, p. 3).

Entre os séculos X ao XIII, na época do feudalismo, a escravidão foi substituída pela servidão. Neste sistema, o homem se submetia ao trabalho em benefício exclusivo do senhor da terra, sendo que da terra retirava em proveito próprio a habitação, a alimentação e o vestuário. Contudo, a servidão nada mais foi do que um tipo de escravidão, posto que o indivíduo naquelas condições não dispunha de liberdade, estando sujeito as mais severas restrições, tal como impossibilidade de livre locomoção. "Este período caracterizou-se como sendo um sistema intermediário entre a escravidão e o trabalho livre "(VIANNA, 1991).

No século XVI, com o declínio da servidão vem a submissão dos feudos a um governo central, com o surgimento do mercantilismo e a perda da importância da terra como fonte geradora de riquezas. É nesta época que surgem as primeiras vilas e cidades, com o aparecimento da corporação, que era um agrupamento de artesãos. Neste sistema, o mestre era quem explorava economicamente o ramo de atividade, tendo sob seu comando o aprendiz. Todavia, também neste sistema a escravidão, ainda que de forma velada, estava presente, pois eram impostas àqueles indivíduos regras muito rígidas no que tange ao método de produção e a contraprestação do serviço prestado. No início deste período da história, as condições de vassalagem e as corporações de ofícios foram desaparecendo, sendo de maneira natural ou por imposição legal, passando a dar lugar as relações de trabalho remuneradas, com a locação de serviço civil.

Nos séculos XVII e XVIII as revoluções liberais, seguidas da Revolução Industrial, caracterizaram uma profunda mudança nas relações de trabalho. A ideia de liberdade esteve bem destacada neste período da história, revelando que o modelo de servidão era apenas uma modalidade diferenciada de escravidão, e que as corporações de ofícios significavam impedimento ao desenvolvimento do livre comércio e ofício.

A Revolução Industrial acabou transformando o trabalho em emprego. Os trabalhadores, de maneira geral, passaram a trabalhar por salários. Com a mudança, houve uma nova cultura a ser apreendida e uma antiga a ser desconsiderada. A medida que a civilização foi se configurando, o mundo do trabalho foi passando por uma transformação completa, profunda, que alterou o modo como as pessoas trabalhavam, o significado dessas atividades nas suas vidas e as normas sociais que regulamentavam as diferentes práticas profissionais.

No mundo normativo os homens levantam-se pela manhã, trabalham, comem, reproduzem adoececem, e tudo isso não faz o menor sentido, já que se refere a modos de pensar que se impõem ao indivíduo sem que ele participe da estruturação desse modo de vida, como se não tivesse escolhas.

Entretanto, diante do cotidiano, inclusive das situações de trabalho, as pessoas precisam intermediar com as normas existentes afim de adequar-se e integrar-se aos processos de convívio social, seja pelo trabalho ou outras atividades, afim de desenvolverem suas competências e saúde. No entanto, no percurso entre o “trabalho” e a “loucura”, os loucos estavam excluídos do mundo do trabalho. A sociedade instaurada pela Revolução Francesa, descreve o louco como sujeito sem direito, insensato, irresponsável, incapaz de trabalhar ou de servir. (CASTEL, 1978, p.15).

## 1.2 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA LOUCURA

A temática da loucura nos convida a pensar sobre a imagem social do “doente mental”. Estamos, portanto, no âmbito das concepções sociais, e conseqüentemente do estigma. Goffman (1891) faz alusão à palavra estigma ao realizar uma discussão histórica de sua origem: para os gregos, era um signo que categorizava as pessoas de acordo com suas marcas sociais. A vestimenta do louco era muito conhecida, sendo usada pelo bobo da corte e em festas de carnaval. Trazia sinos, que deveriam tocar sempre que o demente movia-se. Eram representados com um espelho na mão ou com um cetro ou bengala. Muitas vezes o louco carregava uma crista de galo sobre o gorro ou orelhas de burro. O aloucado simbolizava a condição humana, fazendo parte do reino dos instintos e também do reino do espírito, pois todo indivíduo era, por natureza, um louco.

Como o estigma produz lugares marginalizados, carregamos na história processos sociais excludentes das pessoas com sofrimento psíquico, Kinoshita (2016), aborda a dificuldade da reinserção social de pessoas com transtornos mentais pelo fato de que as relações de troca são estabelecidas diante de um valor previamente concebido socialmente. A esse valor ele dá o nome de poder contratual, e quando este é atribuído ao ‘doente mental’ assume um caráter negativo de invalidez e anulação (p. 69). A luz desse conceito, podemos concluir que a marca imposta pela loucura reduz as possibilidades das pessoas em sofrimento psíquico e as coloca

em condição de desvalia, diminuindo seu poder contratual. Segundo Ghirardi (2004), a possibilidade de o indivíduo se sentir incluído na sociedade decorre da participação dele em uma rede de produção e de consumo que são estabelecidos pela coletividade, ao produzir valores de troca e contratos sociais.

Neste contexto os sujeitos desta pesquisa, apresentam em suas biografias o percurso da doença mental que os afastaram da vida cotidiana, inclusive do campo de trabalho, em consequência de longas e repetidas internações, e o sujeito hospitalizado por doença mental, tem seu trajeto dali por diante marcado pelo rótulo de louco, de "sem razão", pois dizer socialmente "doente mental é dizer doente para o resto da vida..." (RICKES, 1996, p.85). A inclusão social pelo trabalho está associada ao favorecimento da autoafirmação, do relacionamento social e da construção de um lugar de inclusão para a pessoa reconhecida como doente mental (Lussi & Shiramizo, 2013; Mota & Barros, 2008). Sob essa perspectiva, o trabalho "pode promover um processo de articulação do campo dos interesses, das necessidades e dos desejos" (SARACENO 1999, p. 126).

Na Antiguidade grega e romana, a loucura era narrada pela ideologia religiosa e classificada como manifestações sobrenaturais causadas por deuses e demônios. Na Grécia antiga a loucura foi considerada como um privilégio, Sócrates e Platão (427 a.C-347 a.C) sinalizaram a existência de uma forma de loucura tida como divina e utilizavam a mesma palavra (manikê) para designar tanto o "divinatório" como o "delirante". Era através do delírio que alguns privilegiados podiam ter acesso as verdades divinas. Essa relação vai prevalecer por muito tempo e somente no período conhecido como antiguidade clássica a loucura se afasta do seu papel de portadora das verdades divinas e vai se encaminhando em uma direção completamente oposta, e passará a ocupar o lugar de representante simbólico do mal.

Na obra intitulada História da Loucura, Michael Foucault<sup>13</sup> descreve que esse corte entre misticismo e razão pode ser percebido em vários âmbitos da experiência humana. Um dos exemplos abordados na obra é a descrição de como se deu esse rompimento no espaço das artes, através da crescente dissociação entre imagem e escrita, observada nesse período. Na

---

<sup>13</sup>História da Loucura na Idade Clássica é um livro de Michel Foucault, originalmente foi publicado como *Folie et Déraison* pela editora Plon, em 1961, depois como *Histoire de la folie à l'âge classique*, em 1972, pela editora Gallimard. Foi traduzido para o português por José Teixeira Coelho Neto, em 1978.

pintura, destaca-se obras como a Nau dos Loucos, a Tentação de Lisboa e o Jardim das Delícias, as quais mostram animais, caras grotescas, pássaros de pescoço alongado. Esses elementos fascinam o espectador, encarnando a loucura em forma de tentação, expondo o mundo com tudo que nele existe de impossível, de fantástico, de inumano. Assim, essa brecha entre experiência mística e consciência crítica foi aberta durante a Renascença e nunca mais deixou de se abrir, acentuando um vazio entre o trágico e o crítico, que segundo Foucault, nunca mais será preenchido.

Na Idade Média e princípio da Idade Moderna, os relatos sobre a vida das pessoas acometidas pelos transtornos mentais eram tenebrosos. Elas eram deixadas à mercê das correntezas da existência, sendo jogadas de uma cidade para outra. Na Europa, o sistema mais usado era o banimento dos doentes, tanto por barco (Nau dos Loucos) quanto por terra, sendo levados de um lugar para outro na companhia de transportadores de mercadorias.

Na Idade Média, o conceito de “louco” e o de “pecador”, em razão da ignorância da época e do fervor religioso extremo, tinham definições similares. Aqueles que infringiam os mandamentos da lei de Deus (os chamados pecadores) e os portadores de transtornos mentais (os chamados loucos) encontravam-se no mesmo barco, pois tanto uns quanto outros não “reconheciam” o caminho que levava ao Paraíso. Nos tempos da Inquisição, a loucura foi entendida como manifestação do sobrenatural, demoníaco e até satânico, e classificada como expressão de bruxaria, cujo tratamento caracterizou-se pela perseguição aos seus portadores, tal como se praticava com os hereges. Em virtude do forte poder da Igreja, o movimento de caça às bruxas, liderado pela Inquisição, objetivava manter a aceitação e a concordância da crença religiosa. Assim, os chamados hereges e os divergentes da ideologia cristã dominante eram considerados loucos, bruxos e feiticeiros, servidores do mal e de forças malignas.

Religião e transtorno mental, portanto, faziam parte do mesmo bojo numa época de grande desconhecimento do funcionamento do corpo. Para a época, todo “pecador” era também um “louco”. O único tratamento era a crença depositada num milagre para lhes restituir a saúde. Para as pessoas saudáveis, ajudar um demente propiciava-lhes uma boa ação aos olhos de Deus, pois as boas obras contribuía para a salvação da alma. Os loucos eram, portanto, vistos como necessários, porque ofereciam às pessoas uma oportunidade de, com suas boas ações, ganharem o reino dos céus.

Na Idade Moderna, a Igreja católica passou a perder sua unidade e força. Lutero e seus reformadores passaram a apregoar que as boas obras não tinham valor algum para a entrada no reino dos céus. Ajudar os loucos, mendigos e aleijados perdeu o valor religioso de antes, assim, de necessários à salvação da alma de terceiros, os loucos passaram a ser indesejáveis e cruelmente segregados. Para retirá-los do seio da sociedade foram criados inúmeros asilos e prisões, onde se empilhavam doentes psíquicos, ladrões, mendigos e errantes.

### 1.3 A EXCLUSÃO DOS LOUCOS

A partir da Idade Média até o final das Cruzadas, os leprosários, antecedentes diretos dos lazaretos, (hospitais específicos para leproso) se multiplicaram por toda a Europa, pois havia grandes focos dessa epidemia infecciosa. Quando não eram enviados para leprosários e excluídos da sociedade, os leproso não podiam entrar em igrejas, tinham que usar luvas e roupas especiais, carregar sinetas ou matracas que anunciassem sua presença e, para pedir esmolas, precisavam colocar um saco amarrado na ponta de uma longa vara. Não havia cura e ninguém queria um leproso por perto. No fim da Idade Média, os casos de lepra começaram a diminuir na Europa Ocidental, mas se integrou ao lado da loucura num espaço de exclusão. Foucault notou uma simultaneidade no desaparecimento dos leprosários e no surgimento dos hospícios e segundo o autor, a doença mental, assumiu o estigma antes atribuído à lepra, ocupando sua função no imaginário da sociedade.

Fato curioso a constatar: é sob a influência do modo de internamento, tal como ele se constituiu no século XVII, que a doença venérea se isolou, numa certa medida, de seu contexto médico e se integrou, ao lado da loucura, num espaço moral de exclusão. De fato, a verdadeira herança da lepra não é aí que deve ser buscada, mas sim num fenômeno bastante complexo, do qual a medicina demorará para se apropriar. Esse fenômeno é a loucura. ( Foucault, 2006 p.13)

As condições que enclausuraram os loucos tinham orientações políticas, sociais, religiosas, econômicas e morais, havia cumplicidade entre o poder burguês e a Igreja. Na França em 1676, mediante um mandato real, foi estabelecido a criação de um Hospital Geral, em cada cidade do reino dando origem ao período conhecido como a Grande Internação. Condições essas que fundam o modo de objetivação da loucura como doença mental associada à desrazão e à construção das capacidades objetivas que determinaram sua forma de tratamento, tendo como práticas o seu silenciamento e segregação do convívio social. As casas de internamento por muito tempo, foram utilizadas como depósito de pessoas consideradas inúteis e

vagabundas, excluídas pela sociedade. Mediante a clausura, os internos eram obrigados a trabalhar em troca de baixa remuneração, o que contribuía com a sociedade para o impedimento da ociosidade e da mendicância e a contenção do desvio social.

#### 1.4 ENCONTRO DO TRABALHO COM A LOUCURA

A relação entre loucura e trabalho passou por várias mudanças ao longo da História, tanto nas concepções a ela atribuída como nas práticas vivenciadas com a loucura produzidas a partir dessas concepções. No contexto da lógica do desvio social do século XVII, foi atribuído ao trabalho o encargo de assessorar a manutenção da ordem social e econômica, antes mesmo do surgimento da psiquiatria no campo médico. É nesse contexto que se estabelece o modelo asilar como forma de tratamento da loucura, que teve uma função vital no enraizamento de uma concepção que acreditava no trabalho como o principal eixo regulador das mazelas da sociedade.

Para Souza (2001) o tratamento moral, construído entre o final do século XVIII e o início do século XIX por Pinel na França, Tuke na Inglaterra, Chiaruggi na Itália e Todd nos Estados Unidos é considerado o primeiro movimento de Reforma Psiquiátrica na História da Loucura que produz o nascimento da Psiquiatria como uma especialidade médica e do asilo como lugar de cura da loucura. No asilo, o trabalho foi destituído de seu valor de produção e passou a ser imposto com regra moral pura, com o objetivo de limitar a liberdade, submeter à ordem e desalienar o espírito.

Guerra (2009), considera que Pinel, ao tomar a loucura como doença, utilizou o trabalho como recurso terapêutico no tratamento moral e asilar dos insanos e o submeteu à autoridade médica, com o objetivo de curar a insanidade. Desse momento, surge a justificativa para o tratamento da loucura como doença mental no contexto científico da medicina psiquiátrica e do dispositivo asilar, tal como sinalizado por Pinel no final do século XVIII. “os alienados, longe de serem culpados a quem se deve punir, são doentes cujo doloroso estado merece toda a consideração devida a humanidade que sofre e para quem se deve buscar pelos meios mais simples restabelecer a razão desviada”. Entretanto, os loucos apontaram sua diferença ao resistirem em submeter-se às regras de organização do trabalho estabelecidas pela vertente do capitalismo nascente.



Nas observações de Foucault (1997), o trabalho como atividade no tratamento da loucura era uma maneira de resgatar algum valor para aquele visto como "ausência de obra", ou seja, o trabalho do doente mental seria uma forma de tratamento da patologia de sua resistência a normalidade, contribuindo ao mesmo tempo, para a manutenção do funcionamento do próprio hospital.

De acordo com Birman e Costa (1994), na primeira metade do século XX, a Segunda Grande Guerra produziu um impacto intenso no continente europeu e desencadeou uma crise socioeconômica e política, que preocupava os governantes dos Estados europeus. No cenário da psiquiatria, a preocupação dos governantes estava relacionada à impotência de ações terapêuticas no campo da saúde mental quanto a evitar altos índices de processos de cronificação em doentes mentais e, conseqüentemente, sua incapacitação social.

A ineficiência do modelo de assistência psiquiátrica, prioritariamente hospitalocêntrico exigiu uma transformação na psiquiatria, conhecido como Movimento da Reforma Psiquiátrica que surgiu depois da Segunda Guerra, inicialmente na Europa na intenção de transformar ou até mesmo extinguir os hospícios, manicômios e hospitais psiquiátricos existentes, estendendo-se para todo o mundo.

A Reforma Psiquiátrica é entendida como um processo social complexo, que envolve a mudança na assistência às pessoas em sofrimento mental grave, a partir de novos pressupostos técnicos e éticos além da incorporação jurídico-legal desse processo. Surge com o intuito de construir um novo lugar e um novo status social para o louco, e propõe a reabilitação psicossocial que lhes garanta cidadania, direito à saúde, à educação, à habitação e ao convívio sócio familiar, além do trabalho.

Mediante esse cenário, surge a construção de fazeres e saberes, que neste estudo, enfatizo acerca da concepção entre loucura e trabalho no âmbito das práticas clínicas e sociais concebidas como oposição ao tratamento moral e manicomial aqui representadas pela Antipsiquia-

tria Inglesa, pela Reforma Psiquiátrica na França; e a Reforma Psiquiátrica na Itália que influenciam vigorosamente a Reforma Psiquiátrica no Brasil.<sup>14</sup>

### 1.5.1 O LUGAR DO TRABALHO NOS MOVIMENTOS REFORMISTAS

#### **Antipsiquiatria Inglesa**

Preconizava que a ocupação do paciente com tarefas domésticas da enfermagem ou de manutenção do hospital e projetos de terapia ocupacional impedia sua cronificação, retraimento e institucionalização. Observa-se nessa concepção a influência da função do trabalho no tratamento moral prescrito por Pinel no século XVIII (COOPER, 1973, p. 118).

#### **Reforma Psiquiátrica Francesa**

A reforma psiquiátrica francesa, teve como protagonistas a Psiquiatria Social e a Psiquiatria de Setor com uma abordagem clínica nas dimensões de cuidado e de tratamento onde o trabalho é instrumento terapêutico de ressocialização, os psiquiatras Lucien Bonnafé, François Tosquelles, Louis Le Guillant, Paul Sivadon, Jean Oury, são referências para se pensar a questão da loucura e alguns deles se dedicaram à produção de práticas clínicas que incorporaram o trabalho de diversas maneiras e segundo Passos (2009), a Psiquiatria Social e a Psiquiatria de Setor passam por três momentos nas dimensões de cuidado e do tratamento da loucura:

**1) Ergo sócio terapia** presente nas primeiras décadas do século XX, alusivo às atividades de trabalho que eram desenvolvidas pelos pacientes internos nos hospitais psiquiátricos. Na maioria das vezes, estas atividades acabavam tornando-se uma ocupação vazia e infantilizada, configurando-se em exploração de mão-de-obra gratuita para o funcionamento do hospital.

**2) Farmacoterapia** introduzida na década de 50, os neurolépticos, antidepressivos, ansiolíticos e tranqüilizantes, como consequência dos fármacos surge a abertura de atividades

---

<sup>14</sup> A apresentação dos movimentos registrados aqui tem como tema de interesse a ligação da loucura com o trabalho nos modelos de atenção em Saúde Mental, historicamente construídos, onde concepções e práticas de atenção e cuidado foram produzidas tendo o trabalho como um de seus eixos estruturantes.

sociais fora do hospital, bem como a constituição de associações de pacientes e familiares; traz como efeitos o crescimento do número de altas e a diminuição das internações. No entanto, logo surgem as reinternações sucessivas, os efeitos do uso prolongado de medicamentos provoca impregnações e lesões, indicando a ineficácia dos fármacos em correlação à prevenção;

**3) Psicoterapia Institucional** surge nas décadas de 50 e 60 com a concepção que o tratamento da loucura tinha como foco a transformação do hospital psiquiátrico em um instrumento terapêutico de ressocialização, coloca o trabalho com foco na ressocialização sendo realizado em níveis progressivos de dificuldade das tarefas, que começariam com finalidade ocupacional terapêutica na perspectiva de Tosquelles, até atingirem níveis de maior complexidade como uma atividade profissionalizante remunerada, na perspectiva de Sivadon. Para Le Guillant, a Ergoterapia como terapêutica deveria oferecer ela mesma atividades próximas do trabalho real, sendo estas remuneradas mesmo dentro do hospital (Lima & Brescia, 2002). Propunha a criação de territórios onde a loucura se reconhecesse e fosse tratada no âmbito da recriação da vida coletiva segundo o modelo da Clínica de La Borde, o modelo das comunidades terapêuticas da Psiquiatria Comunitária preventivista inglesa e norte-americana.

### **Psiquiatria de Setor na França,**

Psiquiatria Social e de Setor mantêm a internação hospitalar e o trabalho tendo uma função terapêutica, embora não mais disciplinadora, sendo um elemento estruturante das práticas clínicas de cuidado e de ressocialização com foco na reintegração no mercado formal de trabalho através de vagas de emprego em empresas. Desenvolvem dispositivos institucionais, como os CATs (Centro de Ajuda pelo Trabalho) oferecendo serviços manuais simples - realizados por pessoas com maior dificuldade de se inserir no mercado formal de trabalho - para as empresas privadas; e os Ateliês protegidos que são pequenas oficinas associativas (carpintaria, marcenaria etc.) nas quais trabalham outras pessoas, além das considerados doentes mentais, que tenham capacidade para aprender um ofício, com objetivo de (re) integração no mercado de trabalho.

## **Reforma Psiquiátrica Italiana**

Uma das maiores transformações na Reforma Psiquiátrica Italiana foi a transformação ideológica. “Quando dizemos não ao manicômio, estamos dizendo não à miséria do mundo e nos unimos a todas as pessoas que no mundo lutam por uma situação de emancipação” (BASAGLIA, 1982, p. 29).

Neste contexto, a doença é permanentemente colocada entre parênteses, dando lugar à existência do sujeito que tem uma desabilidade, um momento de vulnerabilidade e fragilidade (ROTELLI; SADE; 2014). Na expectativa de conferir cidadania e um lugar social à pessoa com transtorno mental, como estratégia para romper com a lógica excludente, a Itália deu espaço para a invenção das Cooperativas Sociais de Inserção no Trabalho, que difundiram-se amplamente por todo país e oferecem serviços para entidades públicas e privadas e legitimam o trabalho das pessoas com desabilidades.

## **Reforma Psiquiátrica Brasileira<sup>15</sup>,**

A Reforma Psiquiátrica no Brasil surgiu pela mobilização do Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM) que atraiu para sua luta diversos setores da saúde e de outras categorias profissionais. Foi um movimento inserido na luta pela redemocratização do país e tinha por objetivo politizar a questão da saúde mental e, sobretudo, lutar contra as instituições psiquiátricas e sua forma de produzir a exclusão social. Foram muitos encontros, conferências e conquistas, que culminaram na promulgação da Lei nº 10.216/01, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas em sofrimento mental grave e sobre a extinção progressiva dos hospitais psiquiátricos, propondo que tais instituições sejam substituídas gradativamente por formas de tratamento extra-hospitalares.

As Colônias Agrícolas da década de 20, era uma imposição terapêutica do tratamento moral. Na década de 40, a terapêutica ocupacional de Nise da Silveira via o trabalho como um recurso terapêutico tão importante como os demais. No contexto do manicômio, marcado pela

---

<sup>15</sup> No Brasil o ano de 1978 costuma ser identificado como o de início efetivo da luta antimanicomial. Este Movimento se deu através de variados campos de luta, que passaram a protagonizar e construir, a partir deste período, a denúncia da violência dos manicômios, da mercantilização da loucura, da hegemonia de uma rede privada de assistência, a crítica ao chamado saber psiquiátrico e ao modelo hospitalocêntrico na assistência às pessoas em sofrimento mental.

"cultura alienista<sup>16</sup>", o trabalho perde os seus papéis econômico, social e psicológico. Os alienados trabalhavam para "passar" o tempo, ganhar direitos na instituição, substituir o trabalho de um funcionário do manicômio, produzir "algo" e, assim, se "normalizar", reencontrando a vontade e a disciplina perdidas (SARACENO, 1999).

Na reforma psiquiátrica brasileira, a partir da década de 80, o trabalho passa a ser um instrumento de reabilitação e de (re)inserção social, e cria novas inscrições da loucura na cultura e na cidadania (Guerra, 2008). Em 1988, foi incluído na Constituição Brasileira os princípios do SUS que originou uma nova perspectiva para a autonomia e o desenvolvimento das políticas municipais de saúde mental, com consequente criação de uma rede substitutiva ao modelo hospitalocêntrico, composta de cinco Núcleos de Atenção Psicossocial (NAPS), Hospitais-dia, Centros de Convivência e Cultura, Serviço de Residências Terapêuticas para egressos dos hospitais psiquiátricos além de uma Cooperativa de Trabalho, um projeto cultural de rádio, TV e teatro e vários outros programas intersetoriais para contemplar outras dimensões e demandas da vida, tais como moradia, trabalho, lazer, cultura e (re) integração social das pessoas em sofrimento mental grave.

As ações de inclusão social pelo trabalho das pessoas em sofrimento mental, no atual cenário da Atenção em Saúde Mental no Brasil, tem como intento promover a emancipação social, o autoconhecimento e a autorrealização, assim como, diminuir a ociosidade e favorecer a independência, para tanto, utilizam da atividade de trabalho em uma perspectiva diferente daquela proposta pela assistência manicomial e têm dois eixos de ação:

- 1) A busca por vagas de trabalho através do sistema de cotas em empresas;

A legislação brasileira estabeleceu a obrigatoriedade de as empresas com cem (100) ou mais empregados preencherem uma parcela de seus cargos com pessoas com deficiência. A reserva legal de cargos é também conhecida como Lei de Cotas onde o artigo 93 da Lei nº 8.213/91, descreve que : “considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou

---

<sup>16</sup> O conceito de *alienação* foi cunhado por Marx como uma crítica moral aos que se submetem à sociedade burguesa a partir da análise econômica do trabalho em sua Filosofia Política. Entretanto, a criação do conceito de *alienação* na loucura pela Medicina e pela Psicologia, não está diretamente relacionada a uma dimensão econômica e, portanto, o trabalho nesse contexto tem uma conotação distinta da que lhe é atribuída no mundo da produção e das trocas sociais e econômicas da Filosofia Política de Marx.

mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”.

2 ) O trabalho protegido, através de oficinas de trabalho, de projetos de geração de trabalho e renda, oficinas terapêuticas, e da constituição de cooperativas, mesmo que não se formalizem como cooperativas sociais como regulamenta a Lei no 9.867, de 10 de novembro de 1999.

### **Oficinas de Trabalho**

As oficinas de trabalho são norteadas por dispositivos terapêuticos com características distintas que as diferenciam das “cooperativas” e do “trabalho protegido”, consistem em um instrumento de desconstrução das práticas manicomiais, com intuito de romper com as agressões, a desumanização e a exclusão social do manicômio, bem como favorecer que as "novas instituições" surjam em prol da saúde. As oficinas de geração de renda, abrem para as pessoas em sofrimento mental, margens de acesso ao circuito das trocas, por aquilo que a sociedade tem por referencia: as atividades de trabalho. Nos processos que fazem parte das atividades de geração de rendas como: a fabricação dos produtos que serão vendidos, o cálculo do valor para esses produtos, o manuseio do dinheiro, a relação com o consumo, compra de materiais, a propaganda e a comercialização desses produtos, todos esses procedimentos, nos quais os participantes estão envolvidos, abrangem o sentido que propomos, estabelece franjas de emancipação que, mesmo pequenas, podem ajudar a recompor as estratégias de sobrevivência e a reverter a condição de vulnerabilidade social imposta pelo estigma de que o louco não exerce o trabalho por ser improdutivo e incapaz de trocas.

### **Projetos de geração de trabalho e rendas**

Os projetos de geração de renda encontram, na Economia Solidária, uma importante referência, sob a perspectiva de "economia", são produzidos dispositivos gerenciados por "excluídos" que objetivam a produção e as relações de troca sob a égide dos princípios da solidariedade (Nicácio, 2005; Lussi & Shiramizo, 2013).

A Política Nacional de Saúde Mental e Economia Solidária brasileira, criada em 2004 durante o I Encontro Nacional de Experiências de Iniciativas de Geração de Trabalho e Ren-

da, difundiu centenas de empreendimentos existentes nos Centros de Atenção Psicossocial, Centros de Convivência e Cultura, visando estimular ativamente a implantação de iniciativas de geração de trabalho e renda. Fomentados pelas políticas do Ministério da Saúde, da Secretaria de Economia Solidária/SENAES e pelo Ministério do Trabalho, esses empreendimentos solidários e de cooperativas sociais voltaram-se para a (re) inserção social das pessoas em sofrimento mental grave, por meio de programas de Trabalho e Geração de Renda. Da parceria entre o Ministério da Saúde e a SENAES e do Ministério do Trabalho e Emprego, surge a política de incentivo técnico e financeiro para as iniciativas de inclusão social pelo trabalho, com vistas à melhoria das condições de vida de usuários e seus familiares.

### **Cooperativas**

Com o trabalho em um ambiente "solidário", a exclusão do "diferente", ou seja, da pessoa que não se encaixa no padrão capitalista competitivo, pode ser, de alguma maneira, manejada. Segundo Nicácio, Mangia & Ghirardi, (2005), as cooperativas criaram uma alternativa ao "trabalho protegido" e ao trabalho formal .

Os caminhos “oficinas terapêuticas, cooperativas e trabalho protegido” correspondem às iniciativas em saúde mental no Brasil às quais se utilizam da atividade do trabalho em uma perspectiva diferente daquela proposta pela assistência manicomial, mas também distinta da estabelecida pelo trabalho formal. Apesar das diferenças existentes entre os procedimentos de atividade trabalho mencionados acima, é possível dizer que todos buscam, à sua maneira, favorecer a autonomia e a inclusão social sob uma perspectiva que valoriza a solidariedade, o potencial de saúde do trabalho, e não apenas o lucro e a produtividade como o trabalho do mercado formal (Delgado, 2005).

As diversas maneiras como essas iniciativas tem sido elaboradas no interior da atenção psicossocial é algo que requer reflexões sistemáticas. No entanto, paradoxalmente ao caminho que o Ministério da Saúde vinha perseguindo até o final de 2015, mediante a seguidas nomeações de Coordenadores Nacionais de Saúde Mental contrários à Reforma Psiquiátrica começaram a afetar o processo, demonstrando o avanço de um grupo antagônico à Reforma no Poder Executivo.

O governo federal aprovou mudanças no setor com a publicação de uma portaria interministerial, ( RESOLUÇÃO Nº 32, de 14 de Dezembro de 2017), onde alguns artigos dessa resolução, têm impactos diretos sobre a legislação da atenção psicossocial. O primeiro artigo reinsere o hospital psiquiátrico como parte dos serviços que compõem a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), atuando de forma divergente das legislações citadas anteriormente, que preconizavam o atendimento ambulatorial, recomendavam a transferência dos pacientes internados para a rede extra-hospitalar e o fechamento progressivo desses leitos, e torna possível, por exemplo, o financiamento público de internações em comunidades terapêuticas - estabelecimentos que, para o Movimento da Luta Antimanicomial (MLA) reproduzem a lógica do manicômio - e dá início a um processo de desmontagem de todo o percurso construído ao longo de décadas no âmbito da reforma psiquiátrica brasileira, que já vinham dando certo, o que a Resolução nº 32/2017 contradiz frontalmente.



## 2 ENTRE O “TRABALHO” DE SÍSIFO E A “LOUCURA” HUMANA<sup>17</sup> : Estratégias Desenvolvidas por Pessoas em Sofrimento Mental Grave Mediante as Situações de Trabalho.

Por tratar-se de um terreno arenoso na medida em que se trata de um objeto de estudo interdisciplinar, envolvendo mais diretamente os campos de trabalho, na saúde mental e da reabilitação psicossocial, compreendi que, mesmo “pisando em ovos” era preciso, sob a luz da ciência, elucidar a disposição inventiva acerca das pessoas em sofrimento mental, quando em situações de trabalho. Meu encontro com o aporte teórico, configurou-se a partir da inter-textualidade sobre o mito de Sísifo entre uma pintura a óleo de Tiziano Vecellio<sup>18</sup> datada de 1548 e um trecho do ensaio filosófico escrito por Albert Camus, em 1942 transcrito abaixo que me inspirou o título desta pesquisa:



“só o que vemos é todo o esforço de um corpo tensionado a fim de erguer uma enorme pedra, rolá-la e ajudá-la a escalar uma ladeira cem vezes recomeçada; vemos seu rosto crispado, a face colada contra a pedra, o auxílio de um ombro que recebe a massa coberta de argila, de um pé que a calça, a retomada a duras penas, a certeza totalmente humana de duas mãos repletas de terra. No pico deste esforço mensurado pelo espaço sem céu e pelo tempo sem profundidade, o objetivo é atingido. Sísifo observa então sua pedra despencar em alguns instantes rumo ao mundo inferior de onde será preciso reerguê-la ao topo.”

(O Mito de Sísifo - Albert Camus -1942)

Camus viu nesse mito uma boa metáfora para expor seus pensamentos sobre o que ele chama de “filosofia do absurdo” que nascem da relação do homem com o mundo. Sísifo está fadado a um trabalho inútil e sem sentido. Seus esforços de levar a rocha até o topo de uma

<sup>17</sup>Os termos “trabalho” e “loucura” foram colocados entre parêntesis para destacar uma categoria de significação e nomeação em mudança, pois o mundo tem vivido um momento de transição, no qual modelos consolidados seguem atuando, mas não de forma hegemônica, pois novos modelos surgem para conviver com os modelos tradicionalmente estabelecidos.

<sup>18</sup>Ticiano Vecellio ou Vecelli (em italiano: *Tiziano Vecellio*; Pieve di Cadore, c. 1473/1490 — Veneza, 27 de agosto de 1576) foi um dos principais representantes da escola veneziana no Renascimento antecipando diversas características do Barroco e até do Modernismo. Ele também é conhecido como Tizian Vecellio, Gregorio, Tiziano, Titian ou ainda como Titien.

montanha são rapidamente neutralizados pelo retorno à estaca zero. No entanto, segundo Camus, durante a descida Sísifo pensa a respeito de suas ações e toma consciência que são desprovidas de sentido, o que autor identifica como “absurdo”.

Sísifo, representa o homem que luta com armas próprias para romper, a todo custo, com os limites impostos por sua condição de mortal frente a forças maiores que as dele, utilizando-se, para isso, de sua inteligência e de estratégias múltiplas que lhe são passíveis de execução, isto me fez pensar que o esforço das pessoas em sofrimento mental grave em busca pela inclusão sócio profissional podem representar um trabalho árduo e incessante – segundo a intertextualidade aqui posta, semelhante ao esforço de Sísifo, condenado a executar o trabalho de subir uma pedra ao alto de um morro do qual ela sempre torna a rolar – mas igualmente marcado pela simbolização da vida e por realizações diversas, sobretudo no caso dos sujeitos como os aqui investigados, que conseguiram galgar certas posições sociais. Lamentavelmente, a imensa maioria dessas pessoas ainda vive em uma condição semelhante à de Sísifo, de um inútil rolar de pedras a um cimo refratário aos loucos, ou até pior, já que tantos sequer conseguem iniciar o movimento de busca por ascensão, fadados que estão à exclusão imposta pela reprodução social.

Camus ressalta que nós inventamos explicações para as coisas, forjamos interpretações fictícias e convenientes enquanto acreditamos descobrir a natureza dos seres, estabelecendo assim pretensas verdades e esquecendo-nos da transitoriedade e da diversidade destas conforme tempos e lugares distintos, como se os nossos valores e costumes fossem fundamentados em leis estáveis e não uma criação efêmera dos nossos interesses momentâneos que são condicionados pelo acaso. Segundo o autor, devemos desistir de buscar definições coerentes e estáveis para o mundo que se apresenta paradoxal, imprevisível e irreduzível.

A morte, o tempo, a desumanidade do homem e do mundo podem ser vistos como muros contra os quais os homens se chocam e percebem a própria fragilidade, a limitação e a absurdidade de suas vidas. Todos esses possíveis questionamentos suscitados pelo absurdo nos evidenciam que há em nossa condição, em nossas relações, seja com o mundo, com os outros e com nós mesmos, diferentes experiências que podem trazer à tona o absurdo, como sinaliza Camus, "a qualquer hora, numa esquina qualquer, o sentimento de absurdo pode bater no rosto de um homem qualquer" (CAMUS, 2004, p. 25).

Encontramos em *O mito de Sísifo* ‘sinais’ de algumas dessas possíveis experiências que colocam o homem diante de algumas condições absurdas: o tempo, a desumanidade do homem, o estrangeirismo e a morte, ou seja, “os muros absurdos”, aqui enfatizados pela loucura humana.

No contexto deste estudo Sísifo representa a mim mesmo, em construção de sentido do meu trabalho no campo da saúde mental, mas também traduz os sujeitos desta pesquisa, que tiveram por prescrição a exclusão social e buscam sentido na vida pela janela da inclusão social pelo trabalho, pontos que me trouxeram a tona algumas concepções que me ajudaram a desenvolver este estudo, e fertilizaram o meu desejo de investigar estratégias que os sujeitos portadores de sofrimento mental grave desenvolvem, quando em situações de trabalho.

## 2.1 SOBRE O MUNDO DO TRABALHO E A CONDIÇÃO HUMANA

Podemos dizer que quando se trata de trabalho, o ser humano se diferencia dos demais seres vivos pela sua capacidade de transformar a natureza e se transformar enquanto ser social. É através do trabalho que ele mantém a sua identidade enquanto sujeito e ainda estabelece inúmeros sentidos no seu cotidiano de trabalhador. O trabalho revela-se como categoria fundante do mundo dos homens: é nela que se efetiva o salto ontológico que retira a existência humana das determinações meramente biológicas. Dessa forma, não pode haver existência social sem trabalho, ainda que incontestavelmente a existência social não se resuma a ele. Para Hannah Arendt<sup>19</sup> o trabalho é uma atividade que o homem impôs à sua própria espécie, ou seja, é o resultado de um processo cultural. Para a autora, o trabalho não é ontológico como imaginado por Marx, segundo Arendt, a condição humana diz respeito às formas de vida que o homem impõe a si mesmo para sobreviver. São condições que tendem a suprir a existência do homem.

---

<sup>19</sup>Hannah Arendt, filósofa e cientista política do século XX de origem judaica. Nasceu em Linden na Alemanha em 1906 e viveu quase todo século XX o que permitiu vivenciar as revoluções culturais e políticas e também as atrocidades cometidas pela humanidade contra si mesmo. Forçada aos campos de concentração da Alemanha e França (Gurs, 1933), fugiu do regime nazista para os EUA em 1941, em situação de apátrida. Trabalhou como jornalista e, posteriormente, após reconhecimento de sua obra, como professora em universidades norte americanas. Formulou o célebre conceito da "banalidade do mal". Morreu em 1975 em Nova Iorque, onde se encontra sepultada.

As condições variam de acordo com o lugar e o momento histórico do qual o homem é parte. Nesse sentido todos os homens são seres condicionados, "tudo aquilo com o qual eles entram em contato tornar-se imediatamente uma condição de sua existência." (ARENDT, 1958, p.17), até mesmo aqueles que condicionam o comportamento de outros tornam-se condicionados pelo próprio movimento de condicionar.

A autora sistematiza a condição humana em três aspectos: *labor*, *trabalho* e *ação* e cada uma destas atividades refere-se as condições básicas com que a vida foi dada ao homem aqui na terra. Para Arendt a *atividade do labor* é caracterizada por procedimentos que visam a subsistência do homem enquanto *animal laborans*<sup>20</sup>. Basicamente o processo biológico: comer, beber, dormir, necessário para a sobrevivência do indivíduo e da espécie humana.

Já a *atividade do trabalho* é o que envolve os afazeres do homem, enquanto *homo faber*<sup>21</sup> que promove a fabricação, e a transformação das coisas naturais em coisas artificiais, por exemplo, quando o homem retira a madeira da árvore para construir casas, camas, armários, objetos em geral.

Por último a *atividade da ação*, que segundo **Arendt**, é a necessidade do homem de viver entre seus semelhantes, pois sua natureza é eminentemente social, a atividade da ação é "a única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou matérias e corresponde á condição humana da pluralidade, pelo fato de que homens, e não o Homem, vivem na terra e habitam o mundo" (ARENDT, 1958, p.15).

O homem quando nasce precisa de cuidados, precisa aprender e apreender, para sobreviver. Qualquer criança recém nascida abandonada a própria sorte morrerá em questão de horas. Por isso dizemos que assim como outros animais o homem é um animal doméstico, porque precisa aprender e apreender com os outros homens para sobreviver. A mesma coisa não acontece com aqueles animais que ao nascer já conseguem sobreviver por conta própria, sem ajuda. A qualidade da *ação* supõe um caráter político social que, segundo a autora, trata-se da

---

<sup>20</sup> O termo animal laborans aparece pela primeira vez na obra publicada de Hannah Arendt no texto "Ideologia e terror" (1953), incorporado à segunda edição da obra As origens do totalitarismo em 1958, mesmo ano de publicação de A condição humana, na qual o conceito é claramente decisivo e descreve o que há de mais primitivo no homem a ser suprido porque, as atividades do homem enquanto animal laborans são efêmeras, pois é feito e logo precisa ser repetido, numa roda-viva tendente ao infinito: é comer, banhar-se, fazer necessidades biológicas, dormir: enfim, é tudo aquilo que finda em si mesmo.

<sup>21</sup>Hannah Arendt nomeia a atividade humana de produzir objetos como uma atividade decorrente da fabricação. O fabricante dessa instrumentalidade é referido pela autora como homofaber, o qual é caracterizado pela a fabricação manual de artefatos. De acordo com Arendt, a fabricação dá ao homem sua primeira identificação humana e também serve como distinção das outras atividades. O homofaber, produz o mundo através de seu trabalho.

convivência entre os diferentes e baseia-se na pluralidade dos homens. "Nenhuma vida humana, nem mesmo a vida do eremita em meio á natureza selvagem, é possível sem um mundo que, direta ou indiretamente, testemunhe a presença de outros seres humanos." (AREDNT, 1958, p.31), pois " a presença de outros que vêem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos."(AREDNT, 1958, p.60).

## 2.2 SOBRE O PENSAMENTO DEJOURIANO

Podemos perguntar: quais são as concepções históricas sobre a capacidade de trabalhar e de conviver em sociedade que as pessoas em sofrimento mental grave herdaram? Sabemos que, a psiquiatria nasce isolando o louco do convívio social, decretando sua incapacidade para o convívio e atividades coletiva.

A noção de "doença mental" estabeleceu socialmente a idéia de que o sujeito que enlouquece torna-se demente, incapaz de responsabilizar-se pelos atos da vida civil e de gerir a si mesmo no trabalho. Então, como tolerar o intolerável?

Em cada tempo e em cada sociedade, existiram limites definidores do que pode ou não pode ser tolerado, havendo uma compreensão tácita de que certas regras sociais não devem ser infringidas e, de que certos limites não podem ser ultrapassados.

O conceito de tolerância é ambivalente, pois, quando um seguimento de uma determinada sociedade apela por "tolerância para com as pessoas em sofrimento mental grave," por exemplo, corre-se o risco de afirmar que os preconceitos desta sociedade podem ser juízos éticos legítimos ou, ao menos, razoavelmente possíveis. Isso pode ser evitado, quando se promove uma dissolução dos preconceitos e se fomenta o desenvolvimento de um respeito básico, tornando tolerável o intolerável.

A discussão de Dejours restringe-se ao mal padecido pelo sujeito no mundo do trabalho em um sistema liberal. Embora investigue os efeitos negativos do trabalho sobre a saúde mental dos trabalhadores, Dejours também considera o sofrimento do ponto de vista *ético*, quando se refere ao sofrimento infligido pelo sujeito aos outros, ou quando evoca a banalização da injustiça social, quando considera sua mera cumplicidade na produção do sofrimento alheio. Estas situações podem, segundo o autor, afetar a conduta moral particular dos trabalhadores ou afetar condutas coletivas, numa dimensão política mais ampla (2006, p. 36).

A resposta de Christophe Dejours para a questão acima é que as pessoas, no mundo do trabalho, encontraram diferentes estratégias (individuais e/ou coletivas) para se protegerem da violência emanada das formas atuais em que se encontram as relações e a organização do trabalho. Isto significa que as pessoas encontram um meio para suportar e ajustar o sofrimento produzido pelo trabalho e, ainda assim, manter a aparente normalidade do seu funcionamento psíquico. Temos consciência de que a realidade é mais complexa e diversificada, neste estudo estamos trabalhando com sujeitos fragmentados, do ponto de vista psíquico.

Nesse contexto, Stuart Hall<sup>22</sup> assinala que a fragmentação do indivíduo é o resultado das configurações históricas e sociais que puseram em xeque a sensação de pertencimento do sujeito às estruturas e instituições. (HALL, 2005) e, portanto, os sujeitos desta pesquisa não trazem consigo a concepção da estabilidade psíquica, e sim a doença e a marca da improdutividade socialmente imposta, ao passo que o trabalho representa o local onde a saúde e a possibilidade de ser produtivo tornam-se uma realidade.

Esta perspectiva coloca as pessoas em sofrimento mental grave em uma situação contraditória, pois são apresentados como sujeitos fragilizados e incapacitados para o trabalho devida à existência do seu adoecimento. Assim, a forma proposta para amenizar as vulnerabilidades advindas desta situação deve ser demonstrada ao inverso para que lhes possibilitem o acesso aos direitos sociais. Estes fatores, entre tantos outros, sugerem a necessidade do redimensionamento da concepção sócio histórica que atribuí ao louco a incapacidade de vivências subjetivas e deslocamento do imaginário social, cultural e historicamente construídos, acerca das situações de adoecimento que não podem ocorrer exclusivamente pela análise de um diagnóstico clínico.

Este redimensionamento permite pensar que a existência do patológico não o coloca em oposição ao normal, mas como uma necessidade de redimensionamento desta normalidade nas quais trabalhar consiste no engajamento total do corpo na realização de uma ação. Envolve criatividade, inteligência, subjetividade e intersubjetividade na busca por maneiras, para

---

<sup>22</sup>Stuart Hall (1932-2014) foi um jamaicano que viveu e trabalhou na Inglaterra, transitando constantemente entre culturas diferentes em seu próprio processo identitário. Esta experiência o motivou e inspirou para as reflexões que construiu acerca da identidade, dentro da perspectiva dos estudos culturais. O autor faleceu recentemente (fevereiro de 2014) e deixou para os pesquisadores um primoroso legado científico, sendo alguns de seus escritos mais importantes: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*; *Raça, cultura e comunicações: olhando para trás e para frente dos estudos culturais*; *Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo* e *Da diáspora: identidade e mediações culturais*.

que aqueles que trabalham, consigam preencher o espaço que existe entre o que é prescrito pela organização de trabalho e o fazer.

O pensamento dejouriano, encara os riscos de sofrimento sobre as exigências do trabalho e da vida como uma ameaça a saúde do próprio trabalhador, então podemos supor que o trabalho seja uma porta de adoecimento para aqueles que ingressam no mundo trabalho com uma carga positiva de saúde, identificados como sujeitos saudáveis. Entretanto neste estudo nos deparamos com sujeitos que, que ao ingressarem no mundo do trabalho, já trazem em seus históricos uma carga negativa de saúde, sendo portanto, identificados como sujeitos doentes sendo vistos e tratados como tal, conseqüentemente, há no trabalho características relativas ao humano o tempo todo, trazendo aspectos histórico-culturais e aspectos singulares de cada pessoa.

No nosso caso, buscamos identificar as estratégias que as pessoas em sofrimento mental grave desenvolvem para suportar e manter-se nas situações de trabalho, mediante a concepção social que supõe sua incapacidade em desenvolver recursos pessoais de realizar tais atividades. Em busca de respostas, invocamos alguns conceitos dos estudos dejourianos norteadores de nosso estudo, a fim de esclarecer que o sujeito em sofrimento mental grave em detrimento do sujeito "normal" também utiliza de si mesmo para enfrentar as diversas situações que lhe são designadas para o cumprimento de determinada tarefa.

No entanto, o universo do trabalho ainda acarreta alguns enigmas e incorpora um lado obscuro repleto de subjetividades, que segundo Dejours (2005) apesar dos esforços e avanços propostos por algumas disciplinas, o trabalho enquanto campo de pesquisa, é algo que epistemologicamente ainda está em aberto, na realidade, os efeitos e as conseqüências do trabalho, ao nível biopsicossocial, são afinal uma "caixa negra" longe de estar totalmente decifrada. Desse modo, em continuidade apresentação deste estudo, no próximo capítulo apresento algumas considerações sobre a contribuição da psicodinâmica do trabalho para compreender as diversas alterações, bem como as respectivas conseqüências, associadas às novas formas de organização do trabalho, particularmente aquelas que estão relacionadas com a saúde mental.

### 3 DA PSICOPATOLOGIA Á PSICODINÂMICA DO TRABALHO

O percurso da psicodinâmica do trabalho foi caracterizado por três fases diferentes, cada uma, representada por publicações específicas. O primeiro momento teve início na década de 80 e foi marcado pela publicação da obra *Travail, Usure Mentale - Essai de Psychopathologie du Travail*, que denominava a teoria como psicopatologia do trabalho e buscava compreender o sofrimento e o modo como os trabalhadores lidavam com ele.

Com a publicação do *addendum* à décima edição de *Travail, Usure Mentale - Essai de Psychopathologie du Travail* e do *Le Facteur Humain* na década de 90, o enfoque da teoria passou a ser o estudo das vivências de prazer e de sofrimento no trabalho, pensando nas nuances do trabalho prescrito e do trabalho real, além de considerar a construção da identidade do trabalhador. No final da década de 90, ocorreu a consolidação da psicodinâmica do trabalho como abordagem científica, representada pelas publicações de *Souffrance em France* e *L'évaluation du Travail à L'épreuve du Réel: Critique des Fondementes de L'évaluation*. Nestas obras a teoria passou a estudar as novas configurações das organizações do trabalho, as estratégias defensivas, as patologias sociais e o sentido das vivências de trabalho (Mendes, 2007).

Os primeiros estudos da Psicopatologia do Trabalho<sup>23</sup> interrogava sobre o papel do trabalho na gênese da doença mental, e também na integração dos indivíduos, principalmente dos pacientes psiquiátricos, à vida social. A busca de respostas a tais interrogações levou ao surgimento de novas formas de compreensão e de tratamento da doença mental, cujos autores mais importantes são Paul Sivadon e Louis Le Guillant. A contribuição maior de Sivadon para o campo da saúde mental no trabalho foi a sistematização de uma nova forma de abordar o doente mental: a ergoterapia. Por meio dessa abordagem, o trabalho passa a ser "reconhecido especialmente pelo seu valor de integração social" (Veil, 1985, p. 14).

Para Dejours (1992) o início da história da psicodinâmica do trabalho é nos anos 1970 do século XX, na França, muito próxima na época da psicopatologia do trabalho. Em meados

---

<sup>23</sup> Paul Sivadon, psiquiatra francês, foi quem utilizou pela primeira vez o termo psicopatologia do trabalho, em um artigo publicado em 1952, reconhecendo e relacionando certos tipos de trabalho como geradores de conflitos e pressões insuportáveis que possibilitariam a emergência da doença mental. Ele foi capaz de "reconhecer o trabalhador no doente mental", Sivadon iniciou seus estudos nos anos 1950.



dos anos 1990 seus estudos destacam-se da corrente – iniciada por Begoin, Fernandez-Zoila, Le Guillant, Sivadon e Veil – da psicopatologia do trabalho, fundando-se a disciplina psicodinâmica do trabalho. Esse novo modelo começa a investigar o tema do sofrimento no trabalho aliviando a relação causal precedente utilizada pelos psicopatologistas do trabalho da época. O foco de preocupação passou, então, a problematizar o sofrimento gerado na relação homem-trabalho, quando o trabalho é fonte de sofrimento e de possíveis descompensações psicossomáticas.

Christopher Dejours (1994), propôs a alteração da terminologia de Psicopatologia para Psicodinâmica do Trabalho<sup>24</sup>, argumentando que não foi possível estabelecer uma relação causal entre certos distúrbios psíquicos e certas formas de organização do trabalho. Segundo o autor, o trabalho não seria causador de doenças mentais, podendo no máximo desencadeá-las e, ainda assim, sob certas circunstâncias bastante específicas, o que importa realmente é compreender as estratégias defensivas (individuais e/ou coletivas) adotadas pelos trabalhadores com a finalidade de evitar a doença e preservar ainda que precariamente seu equilíbrio psíquico.

Alguns conceitos da psicodinâmica do trabalho apóiam-se claramente nos escritos de Freud, revelando forte influência dos conceitos psicanalíticos na fundamentação da teoria. Essa base epistemológica tem sido polêmica, uma vez que o próprio Dejours (1994) reconhece que a Psicanálise não fez referências ao trabalho e suas consequências patológicas. A Psicanálise seria então provocada a considerar os fenômenos do mundo do trabalho e seus impactos sobre a dinâmica intra psíquica e a subjetividade do sujeito.

### 3.1 CONCEPTOS DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Dejours (1993) vê o trabalho não como enlouquecedor, mas como algo que pode levar o homem ao sofrimento psíquico, dependendo do ambiente de trabalho em que ele se encontra. O autor percebe em seus estudos que os trabalhadores não se mostram passivos, mas ca-

---

<sup>24</sup>A Psicodinâmica do Trabalho é uma abordagem científica, desenvolvida na França na década de 1980 por Christophe Dejours, médico francês, com formação em Psicanálise e Psicossomática é professor do Conservatoire National des Arts et Métiers em Paris, onde dirige o Laboratório de Psicologia do Trabalho e da Ação. Dejours tem pesquisado a vida psíquica no trabalho a mais de 30 anos, tendo como foco o sofrimento psíquico e as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos trabalhadores para a superação e transformação do trabalho em fonte de prazer.

pazes de se protegerem dos efeitos negativos e patológicos do ambiente de trabalho à sua saúde mental. Dejours então elabora as categorias da psicodinâmica visando responder a essas demandas polares entre prazer e sofrimento, saúde e doença. Segundo Dejours, Abdouchelli e Jayet (1994), As categorias da Psicodinâmica do Trabalho são compostas por duas grandes categorias: A primeira categoria é composta por: organização do contexto do trabalho; (Organização, Condições e Relações do trabalho) a segunda grande categoria abrange a mobilização subjetiva do trabalhador que compreende: vivências de prazer e sofrimento; estratégias defensivas e espaço de discussão coletiva, inteligência prática e cooperação.

### **Organização do Contexto do Trabalho**

- **Organização do trabalho:** divisão de tarefas entre os trabalhadores, repartição, cadência, e, enfim, o modo operatório prescrito e a divisão de pessoas: repartição das responsabilidades, hierarquia, comando, controle, etc.
- **Condições de trabalho:** referem-se ao ambiente físico (temperatura, barulho, pressão, vibração, irradiação, altitude, etc.), o ambiente biológico (vírus, bactérias, parasitas, fungos), as condições de higiene, de segurança e as características antropométricas do posto de trabalho.
- **Relações de trabalho:** referem-se às relações com as chefias imediatas e superiores, com os membros da equipe de trabalho e as relações externas (clientes, fornecedores e fiscais).

### **Mobilização subjetiva do trabalhador**

- **Vivências de prazer e sofrimento:** o sofrimento pode ser criativo ou patogênico. No criativo, o indivíduo mobiliza-se na transformação do seu sofrimento em algo benéfico para ele mesmo. Para isto, deve encontrar certa liberdade na organização do trabalho que ofereça margem de negociação entre as imposições organizacionais e o desejo do trabalhador. O surgimento do sofrimento patogênico estaria relacionado à ausência de flexibilidade da organização do trabalho, a qual impede que o sujeito encontre vias de descarga pulsional nas suas atividades laborais, utilizando-se de estratégias defensivas para suportar o contexto de trabalho.
- **Estratégias defensivas e espaço de discussão coletiva:** as estratégias de defesa têm como função adaptar o sujeito às pressões de trabalho com o objetivo de conjurar o

sofrimento. Diferenciam-se dos mecanismos de defesa do ego por não serem interiorizados e persistirem a partir da presença de uma situação externa. O espaço público de fala significa a construção de um espaço de fala e escuta em que podem ser expressas opiniões contraditórias e/ou baseadas nas crenças, valores e posicionamento ideológico dos participantes do espaço.

Outros autores colocam ainda como categorias, dentro da mobilização subjetiva do trabalhador:

- **Inteligência prática:** a inteligência prática, enquanto estratégia de enfrentamento coletiva auxilia o trabalhador a resistir ao que é prescrito, utilizando recursos próprios e sua capacidade inventiva, pressupondo a ideia de astúcia, mobilizando-se a partir do surgimento de situações imprevistas. A partir do enfrentamento destas situações, desenvolve um saber particular que ao tornar-se coletivo, transforma-se em ação de cooperação. Este recurso apresenta a finalidade de minimizar o sofrimento e transformá-lo em prazer.
- **Cooperação:** a cooperação como estratégia de mobilização coletiva, representa uma maneira de agir de um grupo de trabalhadores para ressignificar o sofrimento, fazer a gestão das contradições do contexto de trabalho e transformar em fonte de prazer a organização do trabalho, a qual seria possível a sua realização a través do espaço público de discussão e pela cooperação entre os sujeitos. Fazem parte dos conceitos básicos da PDT: sublimação, ressonância simbólica, mobilização subjetiva, vivências de prazer e ressignificação do sofrimento e identificação com o trabalho subjetivo.

A Organização do Trabalho é a variável fundamental da psicodinâmica do trabalho, por ser a dimensão em que as regras para a divisão do trabalho são estabelecidas, exercendo influência no funcionamento psíquico e gerando vivências de prazer ou de sofrimento. O conceito de organização do trabalho pode ser dividido em duas esferas, sendo uma delas caracterizada pela divisão do trabalho e a outra pela divisão dos homens (Dejours, 1992). Na divisão do trabalho estão os aspectos relacionados à organização das tarefas, aos processos prescritos, ao modo de produção, entre outros. Na divisão dos homens estão as responsabilidades relaciona-

das ao trabalho, as relações de poder, as hierarquias, o comando, o grau de autonomia nas atividades, e as possibilidades de cooperação e comunicação, entre outros.

Ocorre que é por meio da análise psicodinâmica das vivências do trabalhador relacionadas à organização do trabalho que se fará o entendimento dos processos atrelados à saúde/doença e sofrimento no trabalho. É no âmbito da Organização do Trabalho, aliada à história de vida do sujeito e a sua estruturação psíquica, que irão se constituir os elementos facilitadores ou não da saúde do trabalhador. Nesse contexto, Dejours (2008, p. 31) observa que o avanço tecnológico e as novas organizações do trabalho não trouxeram o anunciado fim do trabalho penoso, ao contrário, acentuaram as desigualdades e a injustiça social, e trouxeram formas de sofrimento qualitativamente mais complexas e sutis, sobretudo do ponto de vista psíquico. Aproxima-se assim, o idealizador da psicodinâmica do trabalho ao pensamento de Hannah Arendt (2005), que julga ver a redução do trabalho, no mundo contemporâneo, a um esforço rotineiro e cansativo com o único objetivo da sobrevivência. Tanto para Arendt (2005) quanto para Dejours (2008), o sofrimento é inerente ao trabalho.

### 3.2 SOBRE O SOFRIMENTO NO TRABALHO E AS ESTRATÉGIAS DE DEFESAS

Segundo o dicionário Michaelis (1998), a palavra sofrimento apresenta as seguintes definições: **1-** Ato ou efeito de sofrer; sofrença; **2-** Dor causada por doença ou ferimento; padecimento; **3-** Grande aflição do espírito; tormento, tortura; **4-** Dificuldade financeira; penúria. Desde a origem da palavra trabalho, consta uma relação com o sofrimento que segundo Dejours (1996), está associado a fatores históricos, laborativos e àqueles favoráveis ou não para a vida do trabalhador, relacionados à própria vida humana e ao trabalho. São discriminados como: **a) sofrimento singular** (dimensão diacrônica) que é herdado da história psíquica de cada indivíduo; **b) sofrimento atual** (dimensão sincrônica) que ocorre quando há o reencontro do sujeito com o trabalho; **c) sofrimento criativo:** quando o sujeito produz soluções favoráveis para sua vida, especialmente, para sua saúde; e **d) sofrimento patogênico:** caracteriza-se pela angústia que gera alguma solução desfavorável à saúde, no sentido de que o sujeito pode estar em vias de adoecimento ou já estar adoecido. Pode-se afirmar que o sofrimento patogênico ocorre quando o trabalhador esgota seus recursos defensivos, levando-o à descompensação e à doença.

Guareschi & Grisci (1993) afirmam que o sofrimento psíquico difere do sofrimento físico. O sofrimento físico é visível enquanto o sofrimento psíquico é invisível, sendo em grande parte vivenciado de forma particular por cada sujeito, ou seja, quando as condições externas salientam esta cadeia, haverá um reencontro das relações parentais infantis com a realidade atual. A possibilidade do prazer emergir nas relações profissionais deve-se ao fato de que o trabalho não é visto só como lugar de sofrimento, podendo também vir a proporcionar prazer, transformação e criatividade, de acordo com o equilíbrio contido entre as exigências psíquicas de satisfação de desejos inconscientes e as da organização do trabalho. Assim, a busca pelo prazer e a fuga do desprazer constituem um desejo permanente para o trabalhador (DEJOURS, 1994).

Os indivíduos reagem de forma diferente às dificuldades das situações de trabalho e chegam a este ambiente com a sua história de vida pessoal. Os problemas, neste contexto, nascem de relações conflituosas. De um lado, encontra-se a pessoa e sua necessidade de prazer; e do outro, a organização do trabalho que tende à instituição de um automatismo e à adaptação do trabalhador a um determinado modelo que segundo Dejours, “ em certas condições emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos e uma organização do trabalho que os ignora.” (DEJOURS, 1987).

Para Dejours (2009) o sofrimento pode ser criativo ou patogênico. No criativo, o indivíduo mobiliza-se na transformação do seu sofrimento em algo benéfico para ele mesmo. Para isto, deve encontrar certa liberdade na organização do trabalho que ofereça margem de negociação entre as imposições organizacionais e o desejo do trabalhador. O surgimento do sofrimento patogênico estaria relacionado à ausência de flexibilidade da organização do trabalho, a qual impede que o sujeito encontre vias de descarga pulsional nas suas atividades laborais, utilizando-se de estratégias defensivas para suportar o contexto de trabalho.

No pensamento dejouriano, identificamos dois conceitos importantes para nossos estudos: a "Normalidade" definida como o equilíbrio psíquico entre o constrangimento do trabalho desestabilizante ou patogênico; e as "Defesas Psíquicas" que surgem a partir de uma regulação que requer estratégias associadas aos fatores históricos, laborativos e àqueles favoráveis ou não para a vida/saúde do trabalhador. No entanto, segundo Dejours, a normalidade é considerada um mistério pois, a maioria dos trabalhadores não consegue manter uma homeostase

psíquica e fincar-se na normalidade. Em geral, "o equilíbrio seria o resultado de uma regulação que requer estratégias defensivas especiais, que podem ser tanto individuais quanto coletivas, elaboradas pelos próprios trabalhadores" (DEJOURS, 1994).

Essas estratégias são construídas pelos trabalhadores para resistir aos efeitos desestabilizadores e para lidar com as contradições advindas do trabalho. Elas contribuem para a coesão do coletivo de trabalho (Dejours, 2006). As defesas podem ser pensadas tanto como fatores de alienação por não atuarem na modificação da realidade que faz sofrer e, conseqüentemente, possíveis causadores de adoecimento, como podem também ser pensadas como aquelas que desempenham um papel considerável para a manutenção da saúde, por minimizarem a percepção que o trabalhador tem do sofrimento (Mendes, 2007).

Uma divisão ainda mais específica sobre as estratégias defensivas é feita por Dejours (2004), em que ele as classifica em defesas: (a) de proteção, (b) de adaptação e (c) de exploração. As defesas de proteção são formas de pensar e agir de modo a proteger-se do sofrimento advindo do trabalho e fazem com que esse sofrimento seja racionalizado ou evitado. Com isso, essas defesas auxiliam o trabalhador a tornar-se alheio às causas do sofrimento, tendo por conseqüências a intensificação deste ou o adoecimento. Já as defesas de adaptação e de exploração estão relacionadas à submissão aos desejos de produção da organização, em que o trabalhador se sujeita a comportamentos inconscientes que atendam à produção e ao funcionamento, por vezes, perverso da organização do trabalho (DEJOURS, 2004)

### 3.3 DEFESAS PSÍQUICAS

No Dicionário Houaiss (2001, p.1201) a definição psicanalítica de *defesa* é: conjunto de operações inconscientes que visam diminuir a influência de fontes de perigo que ameaçam a integridade do indivíduo. Trata-se, portanto, de mecanismos inconscientes que o ego utiliza, com os quais o sujeito convive, sem que deles se aperceba. Só o processo analítico os poderá tornar (em parte) conscientes, e conduzirá à autêntica mudança e adaptação. As estratégias defensivas são caracterizadas pelos mecanismos de defesa existentes, os quais estão interiorizados no sujeito e operam mesmo sem a presença do outro, que segundo Dejours, tais estratégias possuem importante papel para a adaptação ao sofrimento.

Houaiss, ainda na obra citada acima, diz que a noção de *mecanismos de defesa* se define como um conjunto de sentimentos, representação e tendências comportamentais que sobre-

vêm, automaticamente, quando um indivíduo percebe uma ameaça psíquica, o que o protege da angústia, de uma tomada de consciência dos conflitos e perigos internos e externos, ou lhe permitem acomodar-se de uma forma mais fácil, sem necessariamente consciencializar-se deles nem atingir de facto uma nova adaptação ou um domínio da situação. (HOUAISS, p. 2430).

A diferença fundamental entre um mecanismo de defesa individual e uma estratégia coletiva de defesa é que o mecanismo de defesa está interiorizado (no sentido psicanalítico do termo), ou seja, ele persiste mesmo sem a presença física de outros, enquanto a estratégia coletiva de defesa só se sustenta por um consenso, dependendo assim de condições externas (DEJOURS, 1994). As estratégias coletivas de defesa contribuem de maneira decisiva para a coesão do coletivo de trabalho, pois trabalhar é não apenas ter uma atividade, mas também viver: viver a experiência da pressão, viver em comum, enfrentar a resistência do real, construir o sentido do trabalho, da situação e do sofrimento (DEJOURS, 1999).

O trabalho passa a ser o mediador da passagem do sofrimento para o prazer, quando ocorre o espaço aberto de discussão e são respeitadas a singularidade e a subjetividade de cada um, possibilitando a construção de relações mais satisfatórias, uma vez que o trabalho possibilita a convivência e mantém as pessoas em grupo, o esforço para melhorar as relações interpessoais também ocorre quando é reconhecida pelo grupo a importância que cada indivíduo tem no trabalho, e procura valorizar e entender que o modo de trabalhar depende também de características pessoais. Nesta perspectiva, a PDT identifica que o trabalho humano não ocupa um lugar marginal dentro da construção da identidade do sujeito, e que deve ser dada ênfase ao estudo da sublimação, ao invés de processos patológicos, porque a energia sublimada é essencial para a construção e a manutenção da economia psicossomática de cada um.

### 3.4 SUBLINAÇÃO

O conceito de sublimação<sup>25</sup> tem sua origem na teoria Freudiana sobre o desenvolvimento da sexualidade, segundo a qual, após o nascimento, os órgãos sensoriais (pele, olhos, orelhas, etc.) solicitam satisfação por conta própria dentro de um mosaico primitivo onde apenas

---

<sup>25</sup>Apesar da importância da sublimação para a psicanálise, não existe, na extensa obra freudiana, um ensaio exclusivamente dedicado ao seu conceito. Ernest Jones em seu estudo biográfico de Freud, fala de um longo artigo sobre o tema, que teria sido escrito para constar de sua *Metapsicologia*, em 1915, e que teria se perdido junto com outros ensaios metapsicológicos.

intervém o corpo e onde não existe aparelho psíquico para controlar essas operações. (FREUD, 1915) . Este é o momento da indiferenciação somato-psíquica. Para chegar a uma sexualidade adulta, é necessário que a criança passe por um estágio no qual ela unifique esse mosaico. Tal unificação faz-se através do olhar do outro e, em primeiro lugar, da mãe no momento dos cuidados com o corpo do bebê. Porém, pulsões parciais fogem a essa unificação. A sublimação, portanto, é o processo graças ao qual essas pulsões parciais encontram uma saída substitutiva, redirigidas em uma atividade socialmente valorizada, como por exemplo as atividades de trabalho. Neste sentido, o trabalho pode ser considerado como o lugar de satisfação sublimatória, quando o trabalhador transfere sua energia pulsional, que inicialmente é dirigida para as figuras parentais com objetivo de satisfação imediata, para as relações sociais com satisfação mais altruísta.

### 3.5 RESSONÂNCIA SIMBÓLICA E O ESPAÇO PÚBLICO

A transformação do sofrimento, originado na rigidez da organização do trabalho, em criatividade depende de dois elementos: a ressonância simbólica e o espaço público de discussão coletiva. A ressonância simbólica é a reconciliação entre o inconsciente e os objetivos da produção, ocorre quando há uma compatibilização entre as representações simbólicas do sujeito, seus investimentos pulsionais e a realidade de trabalho. Na maioria das vezes, os preceitos rígidos e o controle organizacional não permitem ou limitam o espaço para ressonância simbólica, devido às exigências de responsabilidades, separação entre trabalho real e prescrito e entre concepção e execução. Para ocorrer esse processo, é necessário que a tarefa tenha um sentido para o sujeito, com base na sua história de vida. Dejours (1992), considera as dificuldades vivenciadas nas relações infantis com os pais como impeditivas para o sujeito vivenciar o processo de ressonância simbólica.

O espaço público é construído pelos próprios trabalhadores, constituindo o momento em que são partilhadas a cooperação, a confiança e regras comuns. Representa o espaço da fala, da expressão coletiva do sofrimento e da busca de mecanismos de transformação da situação vigente.

Os conceitos fundamentais de teoria dejouriana tornaram -se essenciais na busca de minhas repostas a indagação inicial deste estudo, portanto, prosseguirei no próximo capítulo



com as considerações sobre a Metodologia da Psicodinâmica do Trabalho e a apresentação do material de pesquisa que foram avaliados com base na técnica de Análise de Conteúdo referenciada por Bardin (1988), priorizando os aspectos reais e simbólicos da interação do sujeito em sofrimento mental grave com o contexto de trabalho no grupo de geração de rendas aqui estudados e a identificação das estratégias desenvolvidas por estas pessoas para se manterem no campo de trabalho.

#### 4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO E O USO DA PDT NESTE ESTUDO

A metodologia original da psicodinâmica do trabalho, como proposta por Dejours, constitui um esquema de orientações iniciado a partir da demanda dos trabalhadores, e o/a pesquisador/a conta com a ajuda de auxiliares de pesquisa para encontrar, no local de trabalho, um espaço de discussão pública, onde os trabalhadores possam falar, individualmente ou em grupo, sobre a organização do trabalho. Segundo Dejours, a pesquisa é o momento de escuta do trabalhador que, através da fala, poderá reconhecer o seu trabalho e seus significados. Entretanto, a prática em pesquisa, principalmente no Brasil, vem sendo caracterizada pela adaptação do método ao campo de realização das pesquisas. Tais mudanças na maneira de pesquisar favorecem novas formas de conhecimento, pois caracterizam a dinâmica da pesquisa; uma vez que as relações de trabalho mudam, torna-se coerente que as formas de pesquisar mudem também.

Para o estudo, considerou-se no quadro teórico da PDT, dispositivos potentes para análise de situações de trabalho. E embora as configurações teóricas da PDT privilegiem um método científico particular, cujo princípio é a escuta e interpretação da fala, para posterior explicação dos conteúdos numa tentativa de apreender as relações vivenciais de prazer e sofrimento no trabalho, de forma alguma somos "escravos do método". De acordo com Mendes (2007), todo método permite adaptações, o que não determina a diminuição do seu caráter científico, desde que se mantenha os princípios fundamentais da teoria e as variações ampliem a visão sobre a complexidade do estudo, de maneira a possibilitar aos pesquisadores a oportunidade de aproximar o método à sua realidade. Nas palavras de Merlo e Mendes (2009, p.152):

"Acredita-se que todos os métodos devem ser vistos como instrumentos de trabalho para a pesquisa em permanente construção - e por isso dinâmicos - que precisam ser adequados às realidades nas quais são utilizados e para seus horizontes de utilização, que podem e devem ser ampliados. Com a Psicodinâmica do Trabalho não ocorre diferente. (...). Nesse sentido, buscar seu uso como categoria teórico-metodológica é o cenário ideal que, muitas vezes, não corresponde ao real do campo de pesquisa, mas que precisa ser buscada, como possibilidade de assegurar a perspectiva transformadora desta abordagem."

Para o contexto do estudo aqui desenvolvido, duas particularidades merecem ser destacadas: inicialmente, trata-se de um estudo que não surge da demanda do grupo em análise, mas sim como demanda do próprio pesquisador, que se coloca como testemunha ocular do processo, e como o próprio termo diz, aquele que viu a coisa acontecer e sobre o qual dá seu testemunho. A segunda é a não utilização das entrevistas individuais ou de grupos, ditas pre-

ferenciais para alocar o sujeito do trabalho em análise na PDT. As fontes obtidas foram de base documentais, construída pelo grupo em análise, em forma de relatórios e diários, concebidos no período em que o Grupo Operativo Gerador de Rendas foi instituído.

O campo da pesquisa foi a Cantina Que Deliche, fundo de cena onde desenvolvemos o projeto de geração de rendas do CAPs Torquato Neto, e local onde foram coletados os dados, pertinentes aos interesses do estudo. Pelo caráter da coleta de dados não ter envolvido diretamente outros seres humanos e nem projetar busca em documentos de acesso restrito, propomos a dispensa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Registramos ainda que nenhum usuário citado nos documentos foi identificado e que todas as informações consideradas sigilosas foram preservadas. Ressaltamos que o projeto de pesquisa foi submetido em 22 de março de 2018, CAAE 81429617.0.0000.5263 ao Comitê de Ética do IPUB-UFRJ sendo aprovado conforme parecer, de acordo com as normas de pesquisa cumprindo os princípios éticos contidos na resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996) e em 30 de agosto de 2018 foi qualificado diante da banca conforme exigência do programa do Mestrado Profissional em Atenção Psicossocial do IPUB- UFRJ.

#### 4.1 AFINAL DE QUE SUJEITOS ESTOU FALANDO?

Os sujeitos que foram observados no curso da investigação, os quais referem-se os documentos analisados, são pessoas em sofrimento mental grave, com histórias singulares cercadas por dificuldades similares. Desta forma, o processo aqui desenvolvido pode ser apreendido em sua complexidade, de modo que o sujeito não seja visto apenas como um corpo adoecido, mas como um sujeito em todos os seus aspectos biopsicossociais que têm a contribuir na construção de melhores condições de vida para todos.

Existe uma dinâmica que se estabelece no processo das relações e em seus desdobramentos, para a qual sentimo-nos desafiados a olhar - ainda que de forma limitada - que é a compreensão dos mais diversos aspectos que configuram a vida cotidiana e nos obriga a ver sujeitos singulares em seus contextos: cada um representa vários papéis sociais, segundo o que é na sua casa, no seu trabalho, com amigos ou com desconhecidos. "Vê-se que cada ser tem uma multiplicidade de identidades, uma multiplicidade de personalidades nele próprio, um mundo de fantasmas e sonhos que acompanham a vida" (MORIM, p.83-4). Desta forma, com

o intuito de ampliar o olhar para compreensão sobre os sujeitos que apresento nesta pesquisa, em suas singularidades e em seus contextos de vida, trago ao leitor um perfil do grupo estudado, traduzido por um resumo de biografias mixadas que trazem uma proximidade com as demais biografias deste grupo. Atribuí a letra S, seguido de um símbolo, de modo a distanciar ainda mais uma identificação do real sujeito da pesquisa, enviei o texto para três profissionais do CAPS que acompanharam o processo do grupo ao longo dos anos e pedi que estes profissionais pudessem identificar quem seria os integrantes através do relato, em resposta a esta consulta nenhum dos três profissionais identificaram diretamente qualquer dos integrantes do grupo, ao mesmo tempo que percebiam uma alusão a todos eles, desse modo com a certeza de manter o compromisso do anonimato dos integrantes do grupo apresento estas biografias.

**S\*** Chegou ao CAPS com diversos registros de passagens pela emergência psiquiátrica, sem continuidade de acompanhamento, duas tentativas de suicídio, sem uso de álcool ou outras drogas, humor alterado e instável, o que dificultava sua convivência com as demais pessoas. Em função de ter uma aparência física muito preservada, não é comum perceber sua situação de fragilidade social e de sofrimento psíquico. S\* teve o casamento finalizado e suas relações familiares estavam totalmente desgastadas e seus irmãos faziam referências extremamente negativas quanto às suas atitudes no cotidiano. Sem emprego fixo há alguns anos, ganhava a vida no trabalho informal. Outra queixa de seus familiares era a teimosia e arrogância excessiva. S\* não aceitava a necessidade de tratamento contínuo, embora reconhecesse a dificuldades em lidar com as pessoas. Também não aceitava o fim do casamento. S\* sempre apresentou uma natureza introspectiva, mas gostava de elogios.

**S&** chegou ao CAPS pela primeira vez por encaminhamento de outra unidade de saúde mental. Em um espaço de três anos e sem continuidade de tratamento passou por duas internações psiquiátricas com duração de um mês cada. Uma vez que não se reconhecia como pessoa em sofrimento mental, não aceitava o tratamento. Suas crises agudas traziam à tona uma pessoa violenta e agressiva, principalmente com os pais. Em sua aparência uma pessoa pacata, tímida, educada, sem história de uso de álcool ou outras drogas, queixava-se de um excessivo controle que os pais lhe impunham. Retornou pela segunda vez ao CAPS dois anos depois, após alta de uma nova internação em clínica psiquiátrica, com relato de agressão e agravamento de seu estado geral que justificava pela morte de um dos genitores, ocorrida naquele período. Continuava com a queixa de falta de apoio em seus projetos de vida. Resistente à ne-

cessidade de tratamento, fazia uso seletivo das medicações indicadas. Tentava se estabilizar em empregos formais, mas não conseguia se fixar, em parte, devida à sua intolerância para atender as solicitações corriqueiras. Para si, gerava uma frustração. S& procurava manter uma distância dos demais participantes. Mantinha-se com a postura inicial de que estava ali apenas para ajudar ao PGR e tentou não entrar na divisão de rendas. Essa situação foi diluída em reuniões do grupo onde S& reconsiderou e aceitou a idéia de ser uma pessoa muito ansiosa. Neste período iniciou escuta psicoterápica, pois suas atitudes causavam desconfortos aos demais participantes.

S# começou apresentar comportamentos diferenciados no final da puberdade, com episódios que duraram cerca de três anos. Relata que perambulava pelas ruas noites inteiras, ouvia vozes depreciativas. Estes fenômenos desapareceram repentinamente, do mesmo modo que surgiram. S# ingressou no mercado formal de trabalho, casou-se e teve um filho, no ano seguinte após o nascimento do filho, sua mãe veio a falecer e em curto tempo depois, as vozes retornaram com maior intensidade, cujos conteúdos era depreciativos ou imperativos com o comando de caminhar sem destino e se matar. Em um espaço de dois anos, perdeu o emprego e passou a mendigar pelas ruas, onde se envolveu num episódio de atentado violento ao pudor. S# permaneceu em internação por longos anos em um hospital de custódia, ao sair, S# aceitou a proposta de integrar-se ao PGR, embora, apresentasse dificuldades de comunicação, atitudes institucionalizadas, empobrecimento no auto-cuidado, dificuldades ir e vir por conta própria e um funcionamento automático motivado por comandos explícitos.

S% chegou ao CAPS por encaminhamento de um ambulatório psiquiátrico, com pedido de ampliação de tratamento compartilhado, apresentou a primeira crise aos 20 anos de idade, e passou por inúmeras e longas internações em diversas instituições psiquiátricas. Crises caracterizadas por episódios de auto e heteroagressividade, insônia, incluindo duas tentativas de suicídio além de constante discurso delirante dissociado do cotidiano. Estudou até a quarta série, ingressou no mercado formal de trabalho, mas recebeu aposentadoria devido ao agravamento de seu sofrimento mental. Em função das constantes crises que S% apresentava, passou a levar uma vida social empobrecida, sem amigos, com dificuldade de relacionar-se com as pessoas em sua volta, necessitando acompanhamento de familiares para realização dos compromissos cotidianos. Em 2008, S% mostrou interesse em participar do PGR. Inicialmen-

te, mostrava-se como uma pessoa cordata, falava pouco, restringindo-se a responder o que lhe era perguntado; não expressava suas opiniões, não recusava tarefas e mantinha sempre atitudes cordiais com os demais participantes.

#### 4.2 AS FONTES DE PESQUISA

Dos livros de registros selecionados, no total de seis volumes, dois foram excluídos pois não apresentavam conteúdos relevantes a pesquisa. Quanto aos quatro volumes selecionados, estes descrevem de forma detalhada as ações do grupo operativo, as atividades e divisões das tarefas de trabalho, conflitos, tomada de papéis na organização das atividades de trabalho no cotidiano do grupo operativo, desde de sua instituição. Além destes livros de registros, utilizei anotações pessoais (diário) sobre o desenvolvimento do projeto de geração de rendas do CAPS Torquato Neto, no período de 2008 a 2016, enquanto estive na coordenação do projeto.

Os registros estão configurados como uma espécie documental de “ata” de reunião que registrou as deliberações do grupo em estudo num determinado dia e sobre um assunto/tema concreto, em circunstâncias singulares. Tais registros além de contribuírem como uma forma de comunicação interpessoal, tornaram-se instrumento de trabalho necessário para o cumprimento de tarefas e a manutenção da ordem do grupo. Nesse sentido, eles preservam algumas das características interativas da conversação, e para melhor entendimento do leitor transcrevo como exemplos dois modos de relatos de discursos predominantes nos registros com os quais trabalhei: Discurso Direto e o Discurso Indireto, que são tipos de discursos utilizados no gênero narrativo para introduzir as falas e os pensamentos dos personagens. Seu uso varia de acordo com a intenção do narrador.

No discurso direto, o narrador dá uma pausa na sua narração e passa a citar fielmente a fala do personagem. O objetivo desse tipo de discurso é transmitir autenticidade e espontaneidade. Assim, o narrador se distancia do discurso, não se responsabilizando pelo que é dito. Pode ser também utilizado por questões de humildade - para não falar algo que foi dito por um estudioso, por exemplo, como se fosse de sua própria autoria. Um exemplo retirado dos registros apresentado em forma de discurso direto. “[Fulano] inicia a reunião com as seguintes colocações: “ eu estou muito chateado com a falta de comprometimento das pessoas que

não estão cumprindo com as tarefas combinadas e sobrecarrega os outros. [Beltrano] ficou de comprar o material do salgado e chegou aqui sem ter feito isso, o resultado é que tive que ir ao mercado para fazer as compras e acabou atrasando a produção dos salgados e isso já é a terceira vez que acontece"..." (Registro Livro 1- página 22) .

Outro exemplo se apresenta em forma de discurso indireto, no qual o narrador da história interfere na fala do personagem preferindo suas palavras. Nesta forma de discurso não encontramos as próprias palavras da personagem que é narrado em terceira pessoa. Contudo não há utilização do travessão, pois geralmente as orações são subordinadas, ou seja, dependem de outras orações, o que pode ser marcado através da conjunção “que” (verbo + que). “[Fulano] se diz muito empolgado com a instituição do Grupo Operativo; sinaliza que dessa forma poderemos ter grandes chances de dar certo, uma vez que na proposta do grupo poderemos conversar sobre as tarefas que cada um vai assumir durante o trabalho. [Beltrano] concorda com [Fulano] e acrescenta que esta forma de condução do trabalho para ele é muito nova e desafiadora e estar ansioso para colocar a 'mão na massa' - esta expressão provoca um riso coletivo, uma vez que estamos iniciando a atividade de produzir salgados para venda..." ( Registro Livro 1 - página 3).

Estas duas formas de registro me proporcionaram uma exclusividade na obtenção dos dados de pesquisa pelas seguintes razões: a primeira é que transfiguram os únicos documentos existentes acerca da experiência vivida no grupo operativo do projeto de geração e rendas do CAPs Torquato Neto; e a segunda é que como participante do processo, ao refazer a leitura dos registros reacendi os fragmentos de minha própria memória, auxiliado pelas anotações dos diários que construí neste período.

### 4.3 METODOLOGIA

Patton (1980) e Glazier & Powell (2011) indicam que a obtenção de dados qualitativos advém de descrições detalhadas de fenômenos, comportamentos, citações diretas de pessoas sobre suas experiências, trechos de documentos, registros, correspondências, gravações ou transcrições de entrevistas e discursos, dados com maior riqueza de detalhes, profundidade e interações entre indivíduos, grupos e organizações. A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados; envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada,

procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (Godoy, 1995, p.58). Contudo, para a investigação dos dados de uma pesquisa qualitativa, fundamentadas em correntes, pensamentos e abordagens diversas. Neste estudo, utilizo especificamente uma das técnicas para a interpretação de dados oriundos de pesquisas qualitativas, a esclarecer: a análise de conteúdo.

#### 4.4 ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS DO USO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

A primeira tentativa em resposta à pergunta "o que, exatamente uma mensagem significa?", surgiu com a decodificação de símbolos, sinais e mensagens, por meio da interpretação minuciosa, de metáforas e parábolas contidas nos textos bíblicos. Subsequentemente, no século XVII, na Suécia, (1640), análises de conteúdo são mencionadas em referência à pesquisa de autenticidade de hinos religiosos e os efeitos que por ventura poderiam ter sobre os luteranos.

No período entre 1888-1892, o francês B. Bourbon procurou captar a expressão das emoções e das tendências da linguagem, a partir dos escritos bíblicos, especificamente o êxodo, numa perspectiva temática e quantitativa. No início do século XX, ocorre a utilização da análise de conteúdo, na interpretação dos artigos da imprensa, inicialmente para medir o impacto sensacionalista dos artigos, sempre seguindo um rigor quantitativo em relação ao tamanho dos títulos, artigos e número de páginas. Com o advento da 1ª. Guerra Mundial, o interesse voltou-se ao estudo da propaganda. Um trabalho de H. Lasswell, editado em 1925, agrupa análises de imprensa e propaganda deste período.

O interesse pelas ciências políticas, nos Estados Unidos, na década de 40, aliados aos acontecimentos da época, como a 2ª Guerra Mundial, fizeram com que a análise de conteúdo fosse largamente utilizada na descoberta de jornais ou revistas que ofereciam propagandas subversivas, principalmente com ideologia nazistas. Nesta época, Lasswell, da Universidade de Chicago, continuava seus estudos sobre a análise dos símbolos e a ele se juntaram outros pesquisadores de diversas áreas como sociólogos, psicólogos e cientistas políticos. Metodologicamente, foram projetados também, nessa época, Berelson e Lazarsfeld, que sistematizaram as preocupações epistemológicas da época, sintetizados no livro *The analysis of communication contents*, editado em 1948.



Berelson, Lazarsfeld e Lasswell são os verdadeiros marcos criadores de um instrumental de análise de conteúdo. Nas décadas que se seguiram até os tempos atuais, o que existe são debates e discussões a respeito do uso do método, mais voltadas à procura dos conteúdos não manifestos e associadas às inferências sobre o material estudado, numa perspectiva qualitativa de pesquisa. Importante assinalar que o desenvolvimento da informática das últimas décadas trouxe no campo na análise de conteúdo, o desenvolvimento de programas de computação apropriados para a verificação de ocorrência de palavras em determinado texto, o que favoreceria uma abordagem por frequência do material.

#### 4.5 CONCEITOS E DEFINIÇÕES SOBRE A ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para definir análise de conteúdo remeti-me aos conceitos de dois autores estudiosos do assunto. O primeiro deles é Berelson (ano), como visto acima, um dos primeiros a sintetizar a análise de conteúdo como técnica de estudo, na década de 40 e apresentava uma definição fortemente baseada no modelo cartesiano de pesquisa: “análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa que visa uma descrição do conteúdo manifesto de comunicação de maneira objetiva, sistemática e quantitativa”. Hoje críticas se fazem em relação ao uso restrito que Berelson empregava, principalmente no tocante à negação dos conteúdos latentes da comunicação, como objeto de atenção nas análises.

O segundo conceito é o da autora Lawrence Bardin, para quem o termo análise de conteúdo designa um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN 2011, p. 47).

Para análise dos documentos, utilizei o método da Análise de Conteúdo, seguindo as três fases características:

**Fase 1 Pré- análise:** Leituras de aproximação dos documentos selecionados, cuja finalidade foi o reconhecimento dos registros, que serviram para alimentar o quadro de categorias para análise construídos a priori, alinhados aos pressupostos da psicodinâmica do trabalho, com intuito de responder a questão original deste estudo a saber:

A partir dos conceitos principais da PDT, Sobre o Contexto da Organização do Trabalho e foram construídos os quadros de categorias com a finalidade de alinhar a pesquisa com o método proposto.

**Organização do Trabalho**, trata-se do sentido do trabalho entre os participantes, os aspectos da divisão de tarefas todo o modo operatório prescrito e a divisão de pessoas, repartição das responsabilidades, hierarquia, comando, controle, etc.

**Condições de Trabalho** - ambiente físico, o ambiente biológico, as condições de higiene, de segurança e as características antropométricas do posto de trabalho.

**Relações de Trabalho** relações com o coordenador do grupo, com os membros da equipe de trabalho e as relações externas (clientes, fornecedores).

**Inteligência Prática** - utilização dos recursos próprios e da capacidade inventiva, que os participantes usam mediante o surgimento de situações imprevistas. A partir do enfrentamento destas situações, desenvolve um saber particular que ao tornar-se coletivo, transforma-se em ação de cooperação.

**Cooperação** - maneira de agir do grupo para ressignificar o sofrimento, fazer a gestão das contradições do contexto de trabalho e transformar em fonte de prazer a organização do trabalho.

**Espaço de discussão** - trata-se das reuniões do grupo como construção de um espaço de fala e escuta em que podem ser expressas opiniões contraditórias e/ou baseadas nas crenças, valores e posicionamento ideológico dos participantes do grupo.

**Sufrimento** - buscou-se identificar que tipo de sofrimento os participantes da pesquisa desenvolvem mediante as situações de trabalho.

**Estratégias** - tipo de estratégias os sujeitos da pesquisa desenvolvem nas situações de trabalho. As estratégias de defesa têm como função adaptar o sujeito às pressões de trabalho com o

objetivo de conjurar o sofrimento. Diferenciam-se dos mecanismos de defesa do ego por não serem interiorizados e persistirem a partir da presença de uma situação externa.

**Fase 2** Exploração do Material. Essa fase consistiu em repetidas leituras dos documentos ao qual pude codificar as fontes da seguinte forma: enumerei o livros de registros 1 a 4 e criei uma legenda para identificação da fonte no momento da seleção das unidades de registro (UR) e das unidade de contexto (UC). Tomei como unidades de registros, frases cujos significados estão relacionados com os temas que organizei a priori em um quadro de análises. Quanto as UC, foram observadas o contexto no qual elas estão presentes: como parte dos livros de registro ou do caderno de anotações (diários), de modo a identificar o conteúdo no qual elas pertencem. Esse processo permitiu identificar semelhanças e diferenças entre o registro feito pelos participantes do grupo e aquele feito pelo pesquisador.

Feito esse processo de codificação, iniciei com a categorização dos dados, que consistiu no reagrupamento das UR em categorias (teóricas e ou empíricas), segundo a semelhança de significados e sentidos de acordo com os objetivos do estudo. Para melhor clareza ao leitor apresento os os quadros de análises utilizados, em forma de anexos, uma vez que proponho apresentar a terceira fase da análise em forma de relato de experiência, acrescentado as inferências apoiadas na descrição e interpretação dos dados, a partir das tabelas de categorização com base no referencial teórico da Psicodinâmica do Trabalho, e nas questões norteadoras da pesquisa. Resultados esses que apresento no próximo capítulo.

#### 4 RESULTADOS

De acordo com os objetivos desta pesquisa e em consonância com a natureza dos dados coletados, as informações serão apresentadas conforme as categorias encontradas nos livros registros utilizados. Nesses registros foram encontradas sete categorias construídas a priori denominadas: **Organização do Trabalho, Divisão de tarefas; Sentido do Trabalho; Condições de Trabalho; Relações de Trabalho; Inteligência Prática; Estratégias;** no entanto no decorrer da análise surgiram duas categorias extra corpus: **Cooperação; Sofrimento.**

A primeira cena que apresento, traz como tema de análise as categorias: Organização do Trabalho e Divisão de Tarefas.

Primeira Cena:

È de manhã, as portas são abertas, o movimento na cozinha começa com o barulho de panelas e talheres sendo utilizados. A água é levada ao fogo, e o cheirinho de café fresco exala pelo ambiente enquanto é coado. O saco de farinha de trigo é aberto, e seu conteúdo despejado numa bacia plástica, o leite junto com os ovos e o fermento orgânico são misturados e tudo começa a ser mexido num ritmo próprio sovando a massa, que logo em seguida descansará. Ouvimos alguns risos. Os diálogos são amenos. O peito de frango é desfiado e o tempero caseiro e fresco é cortado e aquecido. Logo, ele compõe o recheio que ao ser provado deixa água na boca. A leveza da massa permite a montagem das esfirras que são levadas ao forno já pré-aquecido. Em poucos minutos outro aroma invade o lugar, ultrapassa as paredes da cozinha e alcança os outros ambientes do grande cenário. Iniciamos mais um dia. Bem vindos ao Quideliche! Estamos num CAPS.

A cena acima descrita surge como resultado de diversas etapas anteriores. Obviamente, a manhã surge em consequência natural do passar do tempo que precedeu a noite anterior, que não insere nenhum esforço humano para que isto aconteça. No entanto, as portas da cantina são abertas por alguém, que previamente estava a postos para fazê-lo, da mesma forma, a água levada ao fogo, o café coado, a mistura dos ingredientes para o preparo da massa, do tempero, a montagem das esfirras, enfim, são etapas previamente organizadas, com intervenção do homem e/ou da mulher que trabalham com vistas a obtenção de um produto final, neste caso, as esfirras, que por sua vez serão comercializadas mediante a ação de quem vende

o produto. Tudo isto tem como objetivo melhorar o sistema aplicado na organização do trabalho e na execução de tarefas, de modo a unir a satisfação de quem trabalha e a eficiência da obtenção do produto.

A Organização do Trabalho, por meio da qual as regras da divisão do trabalho são estabelecidas, exerce influência no funcionamento psíquico, gerando vivências de prazer ou de sofrimento, expressas por meio de sintomas específicos relacionados ao contexto sócio-profissional e à própria estrutura de personalidade (DEJOURS, 1992).

Quanto a divisão de Tarefas, no grupo em estudo, consolidam-se por intermédio de reuniões semanais, onde são divididas as tarefas visando a organização do trabalho coletivo. A distribuição de tarefas envolve a circulação de papéis, que cada integrante vai desempenhar por um certo período, geralmente de 15 em 15 dias, desperta angustias que acarretam uma desestabilização aos participantes. As angustias geradas pela organização do trabalho e divisão de tarefas, tornam-se fator de instabilidade a saúde, no entanto segundo Dejours, isso é inevitável, pois é a angustia que motiva a busca do bem estar psíquico, fomentado pelo sentido do trabalho.

A Organização do Trabalho pode apresentar-se como fator de vulnerabilidade ao bem estar e saúde, mesmo quando tudo estar aparentemente bem. Quanto a Divisão de Tarefas, os integrantes manifestaram alguns receios e indicam que esta categoria, pode interferir de modo negativo no cotidiano do trabalho e gerar angustias, devido a exigência do cumprimento de rotinas e normas. No entanto, os integrantes desenvolvem estratégias defensivas de adaptação e racionalização como forma de adequação as situações de trabalho conforme mostrou-se nos registros das falas que destaco a seguir:

**S1** - “acho difícil quando tem que mudar minha tarefa, porque quando estou me acostumando, aí vem a mudança... fico sem saber o que fazer, mas faço!...”

**S3** - “... tô bem, tô trabalhando... mas só que é assim... gera muita angústia porque é muita responsabilidade, a gente já sabe o que vai ter que fazer, mesmo que as vezes a tarefa seja chata...”

**S5** - “Tu tem que acordar no horário certo. Tu tem que fazer as coisas certas. Então, essas coisas, acho que acabam gerando uma angústia... mas eu me arranjo”

**S6** - “se chegar atrasado, e começam a faltar ... o serviço fica todo embolado, porque cada um aqui tem sua tarefa. E quando alguém falta gera mais uma angústia (...) vou ter que fazer a tarefa do outro e mais a minha (...) uma frustração na verdade...”

Pelas falas destacadas de S3, S5 e S6 a palavra “angustia” apresenta-se como um sinalizador que identifica atenção gerada pela organização do trabalho tendo em vistas a divisão de tarefas identificou-se a presença da estratégia defensiva de adaptação, aqui reconhecida nos grifos de S1 “.. estou me acostumando... fico sem saber o que fazer,...”. E nos grifos de S3 *“tô bem, tô trabalhando... a gente já sabe o que vai ter que fazer, mesmo que as vezes a tarefa seja chata...”*. Estar se acostumando e ficar sem saber o que fazer, remete a capacidade de adaptar-se, complementada pelo grifo final *“mas faço!”*. Na fala de S3, a indicação de estar bem, apesar da angustia, também remete a essa estratégia.

Os grifos de S5 e S6 revelam angustias provenientes das exigências de cumprimento das normas como nos grifos de S5: *“tu tem que acordar no horário certo.... fazer as coisas certas. ... acabam gerando uma angústia... mas eu me arranjo”*. E nos grifos de **S6** encontramos: - *“se chegar atrasado,... o serviço fica todo embolado,... fazer a tarefa do outro e mais a minha...”*. São marcadores que expressam estratégias de adaptação pela racionalização dos acontecimentos. Estas estratégias são desenvolvidas pelos integrantes a partir da motivação individual e da relevância que cada sujeito atribui ao trabalho. Condição esta investigada a partir da categoria que tem por tema o sentido do trabalho.

Esta categoria que depende da subjetividade do trabalhador, é fundamental para a psicodinâmica do trabalho. A justificativa do esforço e do sofrimento investidos nas situações de trabalho, possibilita ao sujeito a construção de sua identidade, traduzida por suas vivências que podem ser de prazer e de realizações pessoais, onde o trabalho funciona como promotor de bem estar e saúde ou adverso a isto, e o que nos permite mapear esta influencia é justamente o sentido que o sujeito imputa ao trabalho.

O grupo em estudo, foi instituído em 2008 após longas discursões, que entre outros aspectos, confirmaram o desejo dos participantes na continuidade do projeto de geração de rendas do CAPS Torquato Neto e incluíam em seus Projetos Terapêuticos, a singularidade do

trabalho. Nestas reuniões a aproximação dos participantes apresentam o sentido do trabalho em suas vidas, aqui interpretados pela segunda cena, seguida das falas registradas dos participantes, as quais analisou-se o sentido de trabalho como categoria .

#### Segunda cena: O Sentido do Trabalho

"Tem aproximadamente quatro meses que a Casa de Engenho mudou-se, é o mesmo tempo em que o grupo de geração de rendas está ocupando o espaço da cantina, ao chegar para a reunião encontro os participantes retraídos, diferentes do modo habitual com que me recebem. No início do encontro elegemos a pauta de organização de trabalho e divisão de tarefas avaliação de desenvolvimento do grupo e sobre o comunicado de fechamento do Centro de Convivências (unidade próxima a cantina onde estava instalado a cozinha de preparo dos salgadinhos). O grupo relata uma grande preocupação neste comunicado, com receio de que o PGR venha acabar. Conversamos sobre esta preocupação conduzidos pela própria história que tínhamos construído, todos falaram sobre a importância do trabalho em suas vidas, e da preocupação na continuidade do projeto."

( Notas do Diário do Pesquisador)

Através dos marcadores abaixo, identificou-se a categoria o sentido do trabalho a saber:

**S2** - *"trabalho é vida, né? Estou muito feliz trabalhando, ocupa minha cabeça, encontro as pessoas, me faz esquecer até da doença..."*

**S4** - *"Ah, muito bom, muito bom mesmo... é uma sensação assim... uma que tu tá ganhando e a outra que tu tá sendo útil, é isso aí... como é que eu vou te explicar...encontro os outros, sinto que eu to vivo..."*

**S5** - *"É,.. o trabalho, ele te ajuda nessa forma de tu se dedicar, encontrar gente, ir pra um lugar. Ajuda que eu não vou ficar isolado, que eu não vou ficar sozinho, que eu vou estar com outras pessoas também.. que eu posso ficar bem..."*

*As falas de S2, S4 e S6 expressam o sentido do trabalho como: "vida", "troca", "encontro" isto sugere que os participantes atribuí ao trabalho um sentido de promotor e bem estar e saúde.*

*S6 - “O trabalho faz as pessoas respeitarem agente, e faz agente se sentir melhor, mais confiante, dar sentido de viver... eu venho aqui, trabalho, todo dia encontro gente diferente... me sinto muito bem.”*

*S8 - “ trabalhar faz toda diferença, você se sente gente, apesar de ter a doença, eu não sou a doença, e o trabalho, me ajuda a perceber isso...”*

Nos grifos referenciados identificou-se o sentido do trabalho como promotor de auto estima ativada pela ressonância simbólica, destaca-se como exemplo a fala de S6 que aponta o trabalho como fonte de aquisição de respeito diante de si mesmo e dos outros. O grupo atribui ao trabalho o sentido de viver.

A respeito desta categoria, observou-se que os participantes indicam o sentido do trabalho em suas vidas e a função que ocupa em relação à própria doença. O resultado quando comparado a anotações do diário, tornaram -se se compatíveis as falas decifradas. O grupo referiu-se ao trabalho como um meio que possibilita: **Relações Sociais; Auto Confiança; Bem Estar**. Estes fatores são cruciais para entender as estratégias desenvolvidas pelos trabalhadores em suas condições de trabalho, categoria que apresento a partir das reflexões delineadoras do PGR.

Terceira cena: As Condições de Trabalho

As condições de trabalho com as quais iniciamos o PGR sempre foram, no mínimo, desafiadoras. Ao assumir a coordenação do Projeto de Geração de Rendas, vivíamos um momento de mudanças no Hospital Dia que sofria uma transmutação para um modelo CAPS, entre outras tensões havia uma equipe técnica reduzida e dividida entre a antiga e a nova proposta. No entanto, o Projeto de Geração de Rendas recebeu uma contribuição financeira coletiva da equipe técnica que possibilitou a compra do material necessário para produção dos salgados, e permitiu a emersão do projeto.

As condições de trabalho, quando iniciamos a produção dos salgados, exigia dos participantes muita vontade e criatividade para lidar com o dia a dia. Tínhamos a nossa disposição um fogão bastante defasado, uma pia e alguns utensílios, alocados na cozinha do hospital dia que era de uso comum da equipe técnica. Os salgados eram produzidos e em seguida levados a um ponto de venda, juntos com uma mesa e duas cadeiras. Essa rotina



tornava-se desgastante para os participantes, eu acompanhava os esforços do grupo e intimamente torcia para que tudo desse certo. Fugíamos do calor excessivo, da chuva e criávamos estratégias para amenizar aquela rotina. No dia a dia os participantes descobriam “maneiras” de lidar com as condições adversas do trabalho.

( Notas do Diário do Pesquisador)

Estas adversidades foram amenizadas com a ocupação do espaço físico da cantina Qui Deliche, ao pesquisar a categoria encontrei as seguintes falas:

**S1** - *“Eu acho que melhorou muito... lembro quando agente tinha que pegar a mesa e a cadeira para levar la pra frente para poder montar o ponto de venda... era cansativo e as vezes muito calor quando tava sol , também era muito ruim quando tava chovendo, e pra voltar com tudo?...”*

**S3** - *“...quando a gente queria ir no banheiro ou beber água que não tinha... o difícil aqui (na cantina) é quando o gás acaba.. (risos) que demora pro homen entregar... e ai atrasa tudo...”*

S1 e S3 retratam as condições iniciais do trabalho, e sinalizam a submissão do corpo ao trabalho, a precária condição de trabalho as quais os participantes submetiam-se que exigiam como estratégia para amenização do desconforto, grande carga de energia e criatividade para se manterem em funcionamento.

**S4** - *“ depois que agente veio pro Quideliche ficou bem melhor... aqui tem banheiro pra gente e para os fregueses... tem a cozinha onde a gente prepara os salgados... é verdade que todo dia quem abre a cantina tira as mesas e as cadeiras pra fora e quem fecha tem que guardar, isso é cansativo...”*

**S6** - *“O mais difícil, pra mim, é a faxina de sexta feira, porque é muito trabalho né? E quando falta água?... aqui na cantina é muito bom...tem telefone, tem lugar pra guardar as coisas.. tudo direitinho...”*

**S9** - *“ As vezes eu fico com minhas mãos dormentes de tanta louça pra lavar... e o fogão se não tiver cuidado agente machuca as mãos quando vai limpar...”*

As condições de trabalho é a categoria que elucidada a penalização e adequação do corpo do trabalhador ao trabalho e provoca a capacidade inventiva desses sujeitos para se organizarem

em tais situações. As falas de S4, S6 e S9 denotam que quando as condições de trabalho são favoráveis, contribui para que o trabalhador suporte o esforço do trabalho com uma carga menor de sofrimento.

O quadro de análise mostrou que quando se trata das condições de trabalho, o grupo associou essa categoria ao esforço físico do próprio corpo. O grupo aprova as instalações da cantina e reconhece que é preciso esforço para mantê-la, e desenvolvem estratégias coletivas de enfrentamento ao sofrimento vivido conforme os grifos apresentados.

Por intermédio do trabalho desenvolvemos nossa identidade, experimentamos situações, construímos relações, despertamos nosso espírito criativo individual e coletivamente. O convívio no cotidiano do trabalho pode gerar ansiedades e comprometer as relações interpessoais, que precisam ser diluídas para continuidade do trabalho de modo a proteger os participantes do sofrimento patológico. A cena seguinte, integrada ao quadro de análise, permitiu avaliar a dinâmica do grupo e perceber as estratégias que eles desenvolveram para estabilizar as relações de trabalho que enunciamos a seguir:

#### Quarta cena: As Relações de Trabalho

"depois do que passei... A oportunidade que tive ao participar do projeto despertou o meu estímulo, a animação de acordar e saber que tem um lugar onde eu posso ir e me sentir gente. Fazer alguma coisa importante, ensinar o que sei e aprender com os outros... Todos nós temos uma força mágica, é só saber usar... eu estou retornando ao trabalho formal... uma oportunidade que desejo que vocês conquistem também... eu quero mesmo agradecer a vocês por me ensinarem a ser gente, eu sei que sou carrancudo e aprendi que não dá pra ser assim sempre... eu venho visitar vocês sempre que eu puder..."

( Participante do grupo de geração de rendas do CAPS Torquato Neto)

A motivação em destacar essa fala, deve-se ao fato de que ela registra uma mudança de fase nas relações entre os pares do grupo de geração de rendas no momento em que um participante se despede do grupo para iniciar uma fase de (re) entrada ao mercado formal de trabalho. A despedida esclareceu os sentimentos de proximidade existente no cotidiano do grupo que estavam embaçadas e que muitas vezes era expressada de forma mais truculenta e que exigia a intervenção do coordenador para mediar os conflitos. As falas capturadas nos livros de registro permitiram perceber as tensões.

**S2** - *“nossa as vezes fica dificil segurar a barra, não dar pra concordar com determinadas atitudes...por isso precisa conversar... pra poder ajudar todo mundo...entender que somos um grupo...”*

**S4** - *“... tem dia que a gente fica bem... mas tem dia que é dificil... as pessoas precisam falar direito uma com as outras...não pode só mandar ou falar gritando...a maioria das vezes agente resolve na conversa...todo mundo tá junto aqui...tem que colaborar...”*

**S5** - *“Tu pensa que tá tudo bem aí de repente tem um estranhamento... as pessoas ficam nervosas.. não sabe falar direito com os outros... tu fica chateado, não dá vontade voltar... tem que ter paciência pra ajudar um ao outro...pra escutar... agente não tá sozinho né? ...”*

**S7** - *“agente se desentende e se entende outra vez.. as vezes leva um tempinho...mais o bom é que a gente se respeita..e se ajuda, agente sabe quando um não tá bem...e vai conversando...”*

**S10** - *“eu não gosto quando o nervosismo estapola... fica confuso.. eu me afasto...as vezes não tem jeito...mais eu prefiro não me envolver...mas fico chateada...a gente trabalha junto tem que conversar e se ajudar...”*

Os resultados apontaram que os participantes valorizam o diálogo como possibilidade de esvaziamento das tensões, evocam a conversa e a colaboração como ferramentas de expansão da consciência grupal com a finalidade de estancar o sofrimento. Os vocábulos “conversa” e “ajuda” aparecem em todos os grifos apresentados, sugere o desenvolvimento de estratégia coletiva do diálogo e de cooperação entre os pares, para enfrentarem o mal-estar, mediante as situações de trabalho. Nas falas de S2 e S4 aparece o vocábulo “dificil” como indicador de tensões e citam o diálogo como estratégia de superação das dificuldades. S10 apresenta em sua fala a estratégia individual de afastamento, marcados nos grifos: *“eu me afasto... prefiro não me envolver..”* No entanto também invoca o diálogo como estratégia coletiva de dissolução dos conflitos.

A Psicopatologia do Trabalho tem discutido questões relacionadas à relação prazer sofrimento e trabalho envolvendo os processos de convivência que interferem nos indivíduos e nas organizações. Ao analisar a categoria vivencias de prazer e sofrimento vasculhei minha memória na linha de tempo para compor a cena que segue.

Quinta cena: Vivências de prazer e sofrimento.

A despedida de um, anunciava a chegada de outro e foram muitas despedidas e chegadas durante aqueles anos. Uns ficavam por curto tempo e outros se demorava mais na estadia do projeto, a figura do coordenador já não era tão necessária. O movimento trazia muitas vivências, outras despedidas pelo retorno e até mesmo pela inclusão de primeira vez no mercado formal de trabalho dos participantes do projeto. Também me despedi por razão da morte e acompanhei o nascimento de filhos e netos daqueles sujeitos, que aprenderam a conciliar por si mesmos os conflitos no ambiente de trabalho, desenvolveram autonomia nas tomadas de decisões referentes ao cotidiano do trabalho, desfrutavam de maior circulação nos ambientes sociais coletivos, maior integração aos inúmeros segmentos sociais comuns do cotidiano, permitindo-se, maior contratualidade tais como: ir ao mercado, ao banco fazer depósitos e retiradas, administrar a divisão de rendas, usar o transporte público, comprometer-se com o asseio pessoal, aprimorar a comunicação. Esses foram alguns ganhos acumulados no inventário pessoal dos participantes que, mediante o reconhecimento do trabalho como instrumento de (re) fortalecimento de suas singularidades e (re) conquista de maiores espaços sócio-afetivos, regularam as trocas proporcionadas pelas vivências de prazer e sofrimento em razão do trabalho, essas vivências foram capturadas pela fala dos participantes:

**S1** - "é muito difícil viver em grupo. O tempo todo eu sou boazinha com os outros.... Não quero ter que mudar o meu jeito... Quando o meu jeito aborrece alguém eu fico triste...o bom daqui é saber que os outros vão ajudar se for preciso...."

**S5** - " 'Frustrado!' eu já me senti assim muitas vezes. Primeiro tu desanima, depois tu vai reagindo devagar e acostumando à situação, ... não é fácil! Tenho medo de não dar certo no trabalho...levo bastante a sério as coisas aqui... "

**S6** - "é o trabalho, não é fácil não... quando agente não tá legal e tem que falar com os outros...as vezes eu quero ficar sozinho, vou fazendo as coisas...fico na minha..."

**S7** - "quando as coisas no trabalho não estão bem... eu tento brincar pra aliviar...rir do sofrimento as vezes ajuda..."

**S10** -“ tem dia que tudo dar certo...outros dias tudo dar errado agente vai levando...porque precisamos trabalhar...”

O trabalhador exposto a pressões que culminam em sofrimento, exterioriza este sofrimento de várias maneiras. Desse modo, as vivências de prazer e sofrimento se manifestam por meio de comportamentos próprios de cada indivíduo, pois cada um reage de maneira particular a cada situação dependendo da sua personalidade. Nas falas de S1 e S5 observou-se a banalização do sofrimento como estratégia defensiva individual, mobilizada diante da negação, aceitação e colaboração num contexto de relações sociais de dominação. Já nos grifos de S6 encontrou-se a estratégia defensiva por afastamento. Para tentar contornar ou camuflar o sofrimento, S7 usa a estratégia do humor “ brinco...rir do sofrimento”, já S10 diante do sentimento de impotência busca naturalizar os fatos que produzem o sofrimento.

Apesar dos mecanismos de defesa individuais coexistirem com os mecanismos coletivos, as estratégias defensivas desenvolvidas pelos participantes, na maioria das vezes, são coletivas. O grupo compartilha o sofrimento e encontra conjuntamente soluções para lidar com as situações desmotivadoras. Conforme o tipo de mecanismo de defesa desenvolvido, é possível identificar qual o tipo de sofrimento, se criativo ou patológico, que o trabalhador desenvolve mediante as atividades de trabalho. Como já dito anteriormente, as estratégias defensivas contra o sofrimento passam por uma forma específica de cooperação entre trabalhadores para lutarem juntos contra o sofrimento, com o poder de estruturar os coletivos de trabalho, categoria esta que discutirei a partir da próxima cena.

#### Sexta cena: Sobre os Mecanismos de Defesa Individuais e Coletivas

Meu distanciamento como “compensor” do Projeto, como já delineado pela técnica do grupo operativo, me permitia olhar outros horizontes com a finalidade de continuar “criando passagem” para as pessoas em sofrimento mental grave ao mundo do trabalho. Foi nesse período que pude me dedicar em ir busca de empresas que adotavam a política de inclusão de pessoas com deficiências (PCD) no mercado de trabalho e apresentar nossos candidatos, mediar participações do grupo em feiras e congressos, se integrar aos eventos da RAPS -

Zona Norte, aproximar-se de outras iniciativas de geração de trabalho e rendas, enfim outro momento, outro lugar diferente daquele quando começamos na Casa de Engenho. Tarefa desafiadora de ampliar a vida através do território na cidade que nos trouxeram bons frutos, como a inclusão de participantes em postos formais de trabalho, onde adaptaram-se muito bem e seguem suas vidas.

Aos poucos os participantes descobriram modos de abastecer e administrar a cantina, desde interagir com os fornecedores, negociando melhores lugares de compra de novos produtos além de resoluções das situações cotidianas que envolviam a vida do dia a dia. Uma nova fase para o grupo no qual percebia-se o desafio de cada participante em tomar decisões e envolver-se no coletivo e que resgatou-se nas seguintes falas:

**S1** - “acho difícil tomar uma decisão quando as coisas tão ruins...eu prefiro ficar na minha... e quando puder levo pro grupo”

**S3** - “... quando aparece algum problema o melhor é não ficar brigando.. tem que ter calma...as vezes agente tá em crise e só o grupo junto pode ajudar...”

**S5** - “Tu já pensou ter que resolver as coisas sozinho? - ah! Eu não faço isso não...eu sempre escapo dessas furadas...”

**S6** - “ me da vontade de se esconder quando as coisas tão ruim aqui...eu penso logo em outra coisa e me ocupo bastante com a minha tarefa...”

**S7** - “ah se coisa não é comigo eu não me intrometo nem falo nada.. mas se for comigo eu tenho que falar.. ainda bem que ninguém me mete nas confusões...”

**S9** - "eu penso logo em resolver as coisas... ainda bem que aqui agente se ajuda toda hora.. se não eu nem sei como seria..”

As estratégias de defesas podem enfraquecer e promover a banalização das injustiças no ambiente de trabalho e a aceitação, por parte dos trabalhadores, de práticas contrárias a valores éticos, como observado na fala de S1, S3 e S5. Podem, ainda, transformar-se em uma

ideologia defensiva, permitindo ser tolerável o sofrimento, conforme aponta os grifos de S6 e S7. A luta contra o sofrimento pode desencadear sistemas específicos de defesa de ordem coletiva, organizando o próprio coletivo. Diante do sofrimento, a defesa estrutura-se inicialmente como defesa de proteção; depois, passa a ser adaptativa e, por fim, é exploratória. Os coletivos provenientes da *defesa de proteção* apresentam a tendência, pela via da sublimação, conforme indica a fala de S9, de manter uma relação de continuidade com o desejo. Essas defesas estão fundamentadas principalmente na racionalização, como mostra os grifos de S1, S3, S5, S6, S7 e S9 e caracterizam uma forma de investimento da energia pulsional no trabalho. O uso de tais mecanismos é uma forma de luta, encontrada tanto no nível individual quanto no coletivo, contra a angústia provocada por situações de trabalho, exigindo uma mobilização subjetiva do trabalhador e se apreende nos espaços de discussão coletiva, categoria a ser discutida na próxima cena.

#### Sétima cena: Mobilização Subjetiva - Espaço de discussão Coletiva

Existe uma relação muito próxima entre o sofrimento e a subjetividade nas situações de trabalho. A mobilização subjetiva constitui um processo caracterizado pelo uso de recursos psicológicos do trabalhador apreendido no espaço público de discussões sobre o trabalho, permitindo a ressignificação das situações geradoras de sofrimento de forma a transformá-las em situações geradoras de prazer.

A técnica do grupo operativo, adotada para condução do projeto de geração de rendas, privilegia o espaço de escuta, que desperta grandes desafios marcados pelas reuniões semanais onde discute-se toda dinâmica do grupo, pautada no sentido, na organização e na mobilização dos aspectos subjetivos do trabalho. Estas reuniões, certamente, não desmerece a intenção de fazer com que o grupo tenha sentido para cada um dos envolvidos.

Diante desses desafios, observou-se o desenvolvimento de relações afetivas importantes entre os pares, o que no meu entendimento, favoreceu a confiança e a efetivação de uma prática pautada por vezes em uma perspectiva ampliada de saúde, a qual considera os aspectos do trabalho na construção de um cuidado integral. Nesta perspectiva, captou-se as seguinte falas:

**S1** - “aqui agente pode falar, pra tentar resolver os problemas que vão aparecendo no grupo...e podemos decidir o que é melhor para todos... todos nós concordamos que a conversa ajuda a melhorar o ambiente de trabalho, e resolver situações que não podem ser resolvidas no individual....”

**S2** - “é difícil chegar a um acordo...quando falamos da compra de um fogão, foi uma confusão danada. Até que todo mundo entendeu que era necessário comprar um novo...”

**S3** - “nós decidimos as coisas em grupo as regras de funcionamento do trabalho.. as mudanças só podem ser alteradas em grupo também...é aqui na reunião que agente resolve...”.

**S4** - “ são dois grupos, um da manhã e outro da tarde, agente só se encontra na reunião...é muita coisa pra falar e as vezes não resolve o que é preciso resolver...porque tem coisa que precisa ser todo mundo junto.. como no caso do sumiço do dinheiro...”

**S5** -“ quando tu tem um problema... tem que trazer pro grupo...porque se só tu quer uma coisa fica difícil conseguir... tem muita coisa errada, mais é no grupo que tu resolve... ”

**S6** - “acho muito bom nossas reuniões.. pois podemos "lavar a roupa suja"... e também é aqui nós resolvemos nossos problemas...”

**S7** - “... eu sinto falta da reunião...quando não consigo vir quero logo saber o que foi combinado...”

**S9** - “ah se não fosse pudesse falar em grupo sobre as coisas do trabalho eu nem sei...não ia dar não...”

**S10** - “sem a reunião de grupo é impossível agente consertar as coisas...com agente e com os outros...”

O espaço de discussão coletiva contribui de maneira decisiva para a coesão do coletivo de trabalho contra o sofrimento e, conforme explicita S3 e S9, dependendo da eficácia,



consegue invalidar, com maior ou menor êxito, o sofrimento em questão da própria consciência dos trabalhadores, identificado na fala de S10. A finalidade da discussão coletiva é a transformação da situação subjetiva em seu oposto, indicada na fala de S3 e S6 .

Observou-se que os participantes consideram o momento da reunião como um espaço vital para o andamento do projeto, configurado na fala de S7. O trabalho gera ansiedades através da exigência do cumprimento de rotinas e normas, que são diluídas no coletivo através do diálogo de onde surge propostas coletivas para resolução dos problemas, conforme sinaliza S1, S2, S6, S10.

A Psicodinâmica do trabalho preconiza que as estratégias de defesa não se limitam apenas ao ambiente de trabalho, mas vão invadir o espaço privado também. Isso ocorre porque as estratégias de defesa transformam a mobilização subjetiva, que não muda de um lugar para o outro. Dessa forma, não se deixa o funcionamento psíquico como se deixa a roupa no vestiário, trazendo mobilização, também, na vida fora do trabalho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **INICIO, MEIO E FIM DA JORNADA**

O desafio posto neste capítulo é apresentar ao leitor os resultados deste estudo que investigou as estratégias que as pessoas em sofrimento mental grave desenvolvem para manterem-se nas situações de trabalho. Essas estratégias são construídas pelos trabalhadores para resistir aos efeitos desestabilizadores do trabalho e lidar com as contradições advindas dele. Estes efeitos são identificados mediante dois principais conceitos da PDT que são: Organização do trabalho e Mobilização Subjetiva, sendo que o primeiro engloba, as divisões de tarefas, as relações e as condições de trabalho; o segundo conceito engloba as vivências de prazer, o sentido do trabalho e as estratégias individuais e coletivas de enfrentamento do sofrimento, que pode ser caracterizado como sofrimento patológico, quando provoca adoecimento, ou sofrimento criativo, quando surge a resignificação das vivências de angustias nas situações de trabalho, por intermédio de estratégias desenvolvidas pelos sujeitos que trabalham, e transformam este sofrimento em fonte de prazer, saúde e bem estar.

Busquei resgatar, na linha de tempo, cenas cotidianas vivenciadas no grupo operativo, como condutor desta jornada. Reviver os fatos, despertar as memórias, é retornar ao início de uma viagem que não se finda, tal qual a de Sísifo. Assim, iniciei a jornada, trazendo à tona cenas de um cotidiano construído a partir da quebra dos "muros absurdos" que segregaram homens e mulheres, em sofrimento mental grave, produzindo fraturas grotescas e sem sentidos, como Camus alertou.

Os resultados obtidos com a realização da pesquisa possibilitou compreender que os participantes identificam aspectos do trabalho que, para eles, favorecem a (re)inserção social. Quando se trata da Organização do Trabalho e Divisão de Tarefas os integrantes do grupo estudado ao se depararem com o cumprimento das exigências impostas pelo trabalho, relatam sentir: frustração, receios e angústias, o que pode ser fator de instabilidade ao bem estar e saúde. No entanto tais sentimentos são elaborados pelo sentido que os participantes atribuem ao trabalho, em suas vidas e a função que ocupa com relação à sua doença, tais como: o trabalho como promotor da auto confiança e das relações / interações sociais e o sentido de bem estar e saúde.

A análise dos documentos sobre as condições e as relações de trabalho, mostrou que os participantes avaliam as condições de trabalho a partir do esforço físico do próprio corpo e desenvolvem no cotidiano estratégias de amenização do sofrimento que permitem a execução do trabalho com menor desgaste, familiarizam-se com as instalações, lidam com os equipamentos, reconhece os defeitos e produzem um modo próprio de fazê-los operante. Estas estratégias são desenvolvidas individualmente na execução das tarefas e são levadas ao coletivo, o que proporciona uma amenização das angústias mediante as relações interpessoais no cotidiano do trabalho. Os resultados apontam que os participantes valorizam o diálogo como possibilidade de esvaziamento das tensões, evocam a conversa e a colaboração como estratégia para diluir a tensão grupal.

Interessante que os participantes em nenhum momento apontaram aspectos que identificam o trabalho como prejudicial a sua saúde, pelo contrário, para eles o trabalho é um fator de bem estar e saúde, entretanto, quando se trata de vivências de prazer e sofrimento no trabalho, fazem menção de que o trabalho não é fácil evocam sentimentos de frustração ao mesmo tempo que buscam estratégias de evitação/ amenização do desprazer. A banalização do sofri-

mento manifesta-se nas estratégias individuais de defesa, mobilizadas diante estratégias de negação e colaboração no contexto de relações sociais de dominação.

Apesar dos mecanismos de defesa individual coexistirem com os coletivos, as estratégias defensivas desenvolvidas pelos participantes, na maioria das vezes, são coletivas. O grupo compartilha o sofrimento e encontra juntos soluções para lidar com as situações desmotivadoras. O uso de tais mecanismos é uma forma de luta, encontrada tanto no nível individual quanto no coletivo, contra a angústia provocada por situações de trabalho e em acordo com os pressupostos da psicodinâmica do trabalho os participantes vivenciam o sofrimento criativo, pois buscam por intermédio do diálogo a resolução das angústias, atribuem ao espaço de discussão coletiva uma grande oportunidade de resolução de problemas.

Na medida em que compreendemos o trabalho como um produtor de subjetividades, este pode desempenhar a função de ser resignificante. Isto é, com o fazer, o sujeito investe na possibilidade de constituir uma nova subjetividade, um novo jeito de viver, descobre/reconhece capacidades, habilidades, o que caracteriza o conceito de ressonância simbólica conforme os pressupostos da PDT .

Com este estudo busquei proporcionar um espaço para pensar e problematizar a questão do trabalho junto as pessoas em sofrimento mental grave e a sociedade. Acredito que novas pesquisas devam ser realizadas, com a proposta de investigar a trajetória dos usuários no processo de (re)inserção social por meio do trabalho.

Proponho aos diversos seguimentos sociais, como: esquipes de saúde mental, empresas, familiares e pessoas em sofrimento mental, uma reflexão sobre o sentido do trabalho e a forma como este pode atuar na vida de cada um, principalmente na vida das pessoas em sofrimento mental grave, a fim de proporcionar novas descobertas, novas subjetividades, alterando a história dos sujeitos e proporcionando vivências autênticas de produção de si.

Portanto, a resposta ao problema foi distribuída ao longo da análise e dessas considerações finais. Mas, para consolidá-la, entendo que as estratégias desenvolvidas por pessoas em sofrimento mental grave, para atuarem no mundo do trabalho, ainda carece de compreensão mais qualificada do sentido de cada uma das categorias da Psicodinâmica do Trabalho: organização do contexto do trabalho; Condições de trabalho; Relações de trabalho; e o que abranje a mobilização subjetiva das pessoas em sofrimento mental grave que compreende: vivências de prazer e sofrimento; estratégias defensivas e espaço de discussão coletiva, pois o discurs-

so disseminado na literatura do *mundo do trabalho* posicionada em contexto específico, ainda não comporta adequadamente uma perspectiva que traga para o ambiente organizacional uma compreensão efetiva do que é o homem em sofrimento mental grave na sua amplitude.

Em meio á muitas atribuições, percebi que chegara a hora de me aposentar, fechar um ciclo, mas algo ainda me prendia e comecei a perceber que entre muitos sentimentos, a gratidão por aquelas pessoas que dividiram comigo suas biografias, me colocara em dívida com elas, eu precisava contar suas histórias, falar de seus potenciais e suas vontades de serem (re) integrados) ao convívio pleno da sociedade.

O que parecia ser o fim da jornada mostra-se apenas como meio. Aquelas pessoas me trouxeram muito mais do que eu dei, e não consigo deixar de querer receber mais, por isso continuo

## BIBLIOGRAFIA

AMARANTE, Paulo e NUNES, Mônica de Oliveira - **A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios.** -OPINIÃO • Ciênc. saúde colet. 23 (6) Jun 2018 • <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.07082018> - Acessado em 02/01/2019.

AMARANTE, Paulo - **Saúde mental e Atenção Psicossocial**- Rio de Janeiro: editora Fiocruz,2007

ANDRADE, Márcia Campos - **O encontro da loucura com o trabalho na economia solidária: a produção de práxis de pré-incubagem através do dispositivo intercessor na saúde mental** -Maringá, 2013.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense. Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_, Reabilitação psicossocial: uma prática à espera da teoria. In: PITTA, Ana Maria Fernandes (org.). **Reabilitação psicossocial no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 150- 154. (SaúdeLoucura, 10)

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BASÁGLIA, F. *A instituição negada*: relato de um hospital psiquiátrico. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo** - tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. – Rio de Janeiro: Record, 2010.

CASTEL, Robert. **A Ordem psiquiatria: a idade do ouro do alienismo** - tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque - Rio de Janeiro edições Graal, 1978.

CODO, W. et al. **Indivíduo, trabalho e sofrimento**: uma abordagem interdisciplinar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

DEJOURS, C. (1988, 5ª ed.). *A loucura do trabalho: um estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez-Oboré.

DEJOURS, C. **Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações**. O indivíduo na organização: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1993.

\_\_\_\_\_. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

\_\_\_\_\_. **A banalização da injustiça social.** Rio de Janeiro: FGV, 2000.

FOUCAULT, M. **História da Loucura na Idade Clássica.** São Paulo: Perspectiva, 1978.

JORGE, M.A.S. **Engenho dentro de casa: sobre a construção de um serviço de atenção diária em saúde mental.** 1997. 112 f. Dissertação de Mestrado, ENSP, 1997, Rio de Janeiro, 1997.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** Lisboa: Instituto Piaget; 1990.

PASSOS, I.C.F. **Reforma psiquiátrica: as experiências francesa e italiana.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

NICÁCIO, F. N.; MANGIA, E. F.; GHIRARDI, M. I. G. **Projetos de inclusão no trabalho e emancipação de pessoas em situação de desvantagem: uma discussão de perspectivas.** *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 62-66, 2005.

PATRICIA, S. M - **O processo de trabalho em gestão no âmbito da micropolítica - Uma narrativa de trilhas e seus desafios em terrenos da saúde.** 2018. 83 f. Dissertação de Mestrado Profissional, IPUB, Rio de Janeiro, 2018.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **O processo grupal.** Editora Martins Fontes, 1988

SARACENO, B.A. **reabilitação como cidadania.** *In: Libertando identidades: da reabilitação psicossocial à cidadania possível.* Rio de Janeiro: Te Corá, 1999. Cap. 4, p.77-109.

## ANEXOS

ANEXO 1 - ORGANIZAÇÃO DO CONTEXTO DO TRABALHO. -			
CATEGORIAS	FONT E	UNIDADES DE REGISTRO	OBSERVAÇÕES
<p><b>Organização e Divisão de tarefas</b></p> <p>Os resultados apontam que o trabalho pode apresentar-se com o prejudicial à saúde, manifestando alguns receios e indicando que o trabalho pode interferir de modo negativo na vida dos participantes.</p>	<p>L1 L2 L3 L4</p>	<p><i>S1 - “acho difícil quando tem que mudar minha tarefa, porque quando estou me acostumando, aí vem a mudança... fico sem saber o que fazer, mas faço!...”</i></p> <p><i>S3 - “... tô bem, tô trabalhando... mas só que é assim... gera muita angústia porque é muita responsabilidade, a gente já sabe o que vai ter fazer, mesmo que as vezes a tarefa seja chata...”</i></p> <p><i>S5 - “Tu tem que acordar no horário certo. Tu tem que fazer as coisas certas. Então, essas coisas, acho que acabam gerando uma angústia... mas eu me arranho”</i></p> <p><i>S6 - “se chegar atrasado, e começam a faltar ... o serviço fica todo embolado, porque cada um aqui tem sua tarefa. E depois gera mais uma angústia (...)</i></p>	<p>O trabalho pode gerar ansiedades através da exigência do cumprimento de rotinas e normas.</p> <p><b>Indicativo:</b> Os participantes ao se depararem com o cumprimento das exigências impostas pelo trabalho, podem sentir-se frustrados e isto pode ser fator de instabilidade a sua saúde.</p>
<p><b>O sentido do trabalho</b></p> <p>Os participantes indicam os modos de perceber o trabalho nas suas vidas e a função que ocupa com relação à sua doença.</p> <p>O resultado quando comparado a anotações do diário, se torna mais compatíveis.</p>	<p>L1 L2 L3 L4</p>	<p><i>S2 - "trabalho é vida, né? Estou muito feliz trabalhando, ocupa minha cabeça, encontro as pessoas, me faz esquecer até da doença..."</i></p> <p><i>S4 - "Ah, muito bom, muito bom mesmo... é uma sensação assim... uma que tu tá ganhando e a outra que tu tá sendo útil, é isso aí... como é que eu vou te explicar...encontro os outros, sinto que eu to vivo..."</i></p> <p><i>S5 - “ É,.. o trabalho, ele te ajuda nessa forma de tu se dedicar, encontrar gente, ir pra um lugar. Ajuda que eu não vou ficar isolado, que eu não vou ficar sozinho, que eu vou estar com outras pessoas também.. que eu posso ficar bem...”</i></p> <p><i>S6 - “O trabalho faz as pessoas respeitarem agente, e faz agente se sentir melhor, mais confiante, dar sentido de viver... eu venho aqui, trabalho, todo dia encontro gente diferente... me sinto muito bem.”</i></p> <p><i>S8 -“ trabalhar faz toda diferença, você se sente gente, apesar de ter a doença, eu não sou a doença,”</i></p>	<p>Referem se ao trabalho como um meio que</p> <p><b>Possibilita :</b> <b>Relações sociais;</b> <b>Auto confiança;</b> <b>Bem estar.</b></p> <p><b>Indicativo:</b> O trabalho como promotor de bem estar e saúde.</p>

Tema 1 - ORGANIZAÇÃO DO CONTEXTO DO TRABALHO. - * Continuação ANEXO 2			
CATEGORIAS	FONT E	UNIDADES DE REGISTRO	OBSERVAÇÕES
<p><b>As condições do trabalho</b></p> <p><b>Destaque-se que a penalização do corpo do trabalhador se materializa em condições e relações de trabalho.</b></p>	<p>L1 L2 L3 L4</p>	<p><b>S1</b> - “Eu acho que melhorou muito... lembro quando agente tinha que pegar a mesa e a cadeira para levar la pra frente para poder montar o ponto de venda... era cansativo e as vezes muito calor quando tava sol e muito ruim quando tava chovendo, e pra voltar com tudo?...”</p> <p><b>S3</b> - “é verdade e quando a gente queria ir no banheiro ou beber água que não tinha... o difícil aqui (na cantina) é quando o gás acaba.. (risos) que demora pro homen entregar... e ai atrasa tudo...”</p> <p><b>S4</b> - “ depois que agente veio pro Quidelichi ficou bem melhor...aqui tem banheiro pra gente e pros fregueses... tem a cozinha onde a gente prepara os salgados... é verdade que todo dia quem abre a cantina tira as mesas e as cadeiras pra fora e quem fecha tem que guardar isso é cansativo”.</p> <p><b>S9</b> - “ As vezes eu fico com minhas mãos dormentes de tanta louça pra lavar... e o fogão se não tiver cuidado agente machuca as mãos quando vai limpar...”</p>	<p>Avaliam as condições de trabalho através do esforço físico do próprio corpo.</p> <p>Quanto as instalações. O grupo aprova as instalações do espaço físico da cantina.</p> <p><b>Indicativo:</b></p> <p>A submissão do corpo como sinalizador, em contra partida de instalações favoráveis as condições de trabalho.</p>
<p><b>As Relações de trabalho.</b></p> <p>No trabalho desenvolvemos nossa identidade, experimentamos situações, construímos relações, realizamos nosso espírito criativo individual e coletivamente.</p>	<p>L1 L2 L3 L4</p>	<p><b>S2</b> - “nossa as vezes fica difícil segurar a barra, não dar pra concordar com determinadas atitudes...por isso precisa conversar... pra poder ajudar todo mundo... entender que somos um grupo...”</p> <p><b>S4</b> - “... tem dia que a gente fica bem... mas tem dia que é difícil... as pessoas precisam falar direito uma com as outras...não pode só mandar ou falar gritando...a maioria das vezes tem que colaborar...”</p> <p><b>S5</b> - “Tu pensa que tá tudo bem aí de repente tem um estranhamento... as pessoas ficam nervosas.. não sabe falar direito com os outros... tu fica chateado, não dá vontade voltar... tem que ter paciência pra ajudar um ao outro...pra escutar... agente não tá sozinho né?...”</p> <p><b>S7</b> - “agente se desentende e se entende outra vez.. as vezes leva um tempinh...e vai conversando...”</p> <p><b>S10</b> - “eu não gosto quando o nervosismo estapola... fica confuso.. eu me afasto...as vezes não tem jeito...mais eu prefiro não me envolver.....”</p>	<p>O convívio no trabalho pode gerar ansiedades e comprometer as relações interpessoais, que precisam ser diluídas para continuidade do trabalho.</p> <p><b>Indicativo:</b></p> <p>Os resultados apontam o diálogo como possibilidade de esvaziamento das tensões, evocam a conversa e a colaboração como consciência grupal.</p>



--	--	--	--

<b>ANEXO 3 - MOBILIZAÇÃO SUBJETIVA DO TRABALHADOR -vivências de prazer e sofrimento; mecanismos de defesa individuais e coletivas, e espaço de discussão coletiva,</b>			
<b>CATEGORIAS</b>	<b>FONT</b>	<b>UNIDADES DE REGISTRO</b>	<b>OBSERVAÇÕES</b>
<p><b>VIVÊNCIAS DE PRAZER E SOFRIMENTO</b></p> <p>Os participantes registram suas experiências no cotidiano do trabalho.</p>	<p>L1 L2 L3 L4</p>	<p><b>S1</b> - <i>"é muito difícil viver em grupo. O tempo todo eu sou boazinha com os outros.... Não quero ter que mudar o meu jeito... Quando o meu jeito aborrece alguém eu fico triste...o bom daqui é saber que os outros vai ajudar se for preciso...."</i></p> <p><b>S5</b> - <i>"Frustrado, eu já me senti assim muitas vezes. Primeiro tu desanima, depois tu vai reagindo devagar e acostumando à situação, ... não é fácil! Tenho medo de não dar certo no trabalho...levo bastante a sério as coisas coisas aqui... "</i></p> <p><b>S6</b> - <i>" quando agente não tá legal e tem que falar com os outros...as vezes eu quero ficar sozinho, vou fazendo as coisas...fico na minha..."</i></p> <p><b>S7</b> - <i>"quando as coisas no trabalho não estão bem... eu tento brincar pra aliviar...rir do sofrimento as vezes ajuda..."</i></p> <p><b>S10</b> - <i>" tem dia que tudo dar certo...outros tudo dar errado..."</i></p>	<p>A banalização do sofrimento manifesta-se nas estratégias individuais de defesa, de colaboração num contexto de relações sociais de dominação.</p> <p><b>Indicativo:</b> O individualismo naturalizam os fatos que produzem o sofrimento.</p>
<p><b>Mecanismos de Defesa Individuais e coletivas</b></p> <p>O uso de tais mecanismos é uma forma de luta, encontrada tanto no nível individual quanto no coletivo,</p>	<p>L1 L2 L3 L4</p>	<p><b>S1</b> - <i>" acho difícil tomar uma decisão quando as coisas tão ruins...eu prefiro ficar na minha... e quando puder levar pro grupo "</i></p> <p><b>S3</b> - <i>"... o melhor é não ficar brigando.. tem que ter calma...as vezes agente tá em crise e só o grupo junto pode ajudar..."</i></p> <p><b>S5</b> - <i>"Tu já pensou ter que resolver as coisas sozinho? - ah! Eu não faço isso não...eu"</i></p> <p><b>S6</b> - <i>" me da vontade de se esconder quando as coisas tão ruim aqui...eu penso logo em outra coisa e me ocupo bastante coma minha tarefa..."</i></p> <p><b>S7</b> - <i>"ah se coisa não é comigo mas se for comigo eu tenho que falar.. ainda bem que ninguém me mete nas confusões..."</i></p> <p><b>S9</b> - <i>"eu penso logo em resolver as coisas... ainda bem que aqui agente se ajuda toda hora.. se não eu nem sei como seria.."</i></p>	<p>Na maioria das vezes, são coletivas.</p> <p>O grupo compartilha o sofrimento e encontra conjuntamente soluções para lidar com as situações desmotivadoras</p> <p><b>Indicativo:</b> Sofrimento criativo.</p>

ANEXO 4 -

- MOBILIZAÇÃO SUBJETIVA -  
ESPAÇO DE DISCUSSÃO COLETIVA.

<p><b>Espaço de discussão Coletiva</b></p> <p>O grupo se reúne semanalmente para fins de discussão do cotidiano, para planejamento de atividades e divisão e tarefas, conforme preconiza a técnica do Grupo Operativo.</p>	<p>L1 L2 L3 L4</p>	<p>S1 - “aqui agente pode falar, pra tentar resolver os problemas a conversa ajuda a melhorar o ambiente de trabalho, e resolver situações que não podem ser resolvidas no individual.....”</p> <p>S2 - “é difícil chegar a um acordo...quando falamos da compra de um fogão, foi uma confusão danada. Até que todo mundo entendeu que era necessário comprar um novo...”</p> <p>S3 - “nós decidimos as coisas em grupo as regras de funcionamento do trabalho.. as mudanças só podem ser alteradas em grupo também...é aqui na reunião que agente resolve...”</p> <p>S4 - “ são dois grupos, um da manhã e outro da tarde, agente só se encontra na reunião...é muita coisa pra falar e as vezes não resolve o que é preciso resolver...porque tem coisa que precisa ser todo mundo junto.. como no caso do sumiço do dinheiro...”</p> <p>S5 - “ quando tu tem um problema... tem que trazer pro grupo...porque só tu quer uma coisa fica difícil conseguir... tem muita coisa errada, mais é no grupo que tu resolve...”</p> <p>S6 - “acho muito bom nossas reuniões.. pois podemos "lavar a roupa suja"... e também é aqui nós resolvemos nossos problemas...”</p> <p>S7 - “... eu sinto falta da reunião...quando não consigo vir quero logo saber o que foi combinado...”</p> <p>S9 - “ah se não fosse poder falar em grupo sobre as coisas do trabalho eu nem sei...não ia dar não...”</p> <p>S10 - “sem a reunião de grupo é impossível agente consertar as coisas...com agente e com os outros...”</p>	<p>Os participantes consideram o momento do grupo como um espaço vital para o andamento do projeto.</p> <p>O trabalho pode gerar ansiedades através da exigência do cumprimento de rotinas e normas, que são diluídas no estado grupal.</p> <p><b>Indicativo:</b> Elucidação de estratégias coletivas</p>

